

Evangelismo Apocalíptico – por Reggie Kelly, 2002

Sumário

1. O que é evangelismo apocalíptico?..... 1
2. Que diferença faz a maneira como os cristãos encaram a profecia? 14
3. A Esperança Nacional em Contexto 18
4. A Visão Hebraica da Profecia 24
5. A Centralidade e o Significado de Jerusalém 29
6. Restaurando o Contexto 33
7. A Chave do Mistério no Reino da Graça 52

Conteúdo online em: <https://revelando.netlify.app/post/evangelismo-apocaliptico-1/>

Copyright Reggie Kelly, janeiro de 2002. Todos os direitos reservados, não obstante: Os artigos podem ser fotocopiados e distribuídos a critério do leitor. Solicitamos, no entanto, que qualquer cópia e citação mantenha a integridade do artigo e que todas as citações sejam feitas com precisão e dentro do contexto. Os artigos não devem ser publicados em sites, publicações, etc, sem autorização prévia por escrito, a qual não será recusada injustificadamente.

1. O que é evangelismo apocalíptico?

Reggie Kelly 19 de janeiro de 2002

Antes de voltarmos a considerar questões de definição e uma visão geral dos objetivos do curso, queremos primeiro deixar claro aos nossos participantes a natureza do nosso estudo e a abordagem que sentimos que o Senhor dirigiu.

Queremos afirmar, em primeiro lugar, que vocês não serão considerados tanto como estudantes como “participantes” do nosso envolvimento e interação mútuos sobre o material. *Você*, o participante, **desempenhará um papel formativo e influente** no conteúdo e na direção do curso. **Sua resposta e feedback são essenciais** para o produto final que assumirá o caráter a partir de muitos. Desejamos aproximar tanto quanto possível aquele envolvimento orgânico e corporativo que tão singularmente caracteriza o corpo de Cristo, ouvindo o Senhor uns nos outros, o suprimento que cada membro fornece, **co-contribuidores para a sagrada tarefa profética dos últimos dias de tornar**

a visão “bem legível sobre tábuas” que ler (com entendimento) é correr (compare Hab 2:2-3; Dn 12:4,9).

Embora o estudo seja necessariamente planejado, orientado e estabeleça uma tarefa razoável de acordo com os objetivos declarados, estamos, no entanto, comprometidos em manter uma flexibilidade que seja sensível às necessidades, enriquecida pelas contribuições e aberta às sugestões dos participantes considerados. como um todo. Dentro de certos limites, você estará informando e influenciando o curso ao longo das etapas de seu desenvolvimento. Convidamos a sua oração, apoio e contribuição para a formação e articulação de algo que está tomando forma sob a influência do corpo e no relacionamento uns com os outros.

Uma faceta potencialmente rica e instrutiva do curso será a oportunidade de criar e revisar um arquivo acessível de interação por e-mail entre professores e participantes. Estamos no processo de criação de um ‘servidor’ que permitirá aos participantes postar suas perguntas e comentários (ou seja, aqueles comentários considerados úteis para a instrução da turma maior). Eles ficarão então disponíveis para acesso e visualização por toda a turma. É claro que a correspondência privada continuará a receber igual atenção. À medida que nos tornamos tecnicamente equipados e organizados, esperamos dar à turma um acesso razoável, não apenas aos comentários do professor, mas também às contribuições relevantes de outros participantes. Assumimos ainda o compromisso de permanecer acessíveis a todos os nossos participantes, tanto quanto o tempo permitir, mesmo após o tempo previsto para o curso, colocando-nos à disposição para diálogo e relacionamento contínuos.

Quanto ao que será mais enfatizado e desenvolvido ao longo do curso, não assumiremos como tarefa ‘reinventar a roda’. Embora possamos colher livremente do trabalho dos outros, pretendemos limitar o nosso foco principal àquelas áreas onde parece haver o maior déficit na compreensão atual da igreja. ((Não presumimos que esses “défices” representarão sempre o que é “mais” carente ou “mais” vital, mas devemos esperar que dias de grande apostasia possam ainda revelar-se dias de grande restauração. Portanto, mordomia exige que submetemos as coisas que pertencem à nossa confiança ao tesouro maior da igreja. Estamos profundamente conscientes de que “colhemos aquilo em que não despendemos trabalho: outros homens trabalharam, e nós entramos em seus trabalhos” -Jo 4:38-. não reivindicamos originalidade e desconfiamos da novidade. Embora tenhamos certeza do que o Senhor deu e acreditemos que nossa perspectiva é realmente crucial para o chamado ascendente da igreja e para a preparação do último dia, sentimos intensamente que nosso único acesso ao pleno conselho de Deus é através do corpo maior de Cristo. Assumimos nada mais do que uma contribuição modesta, embora importante, para uma plenitude que só é recebida através de todo o corpo de

Cristo. Através da medida que cada junta fornece -Ef 4:11-13,16- há o “preenchimento” do que pode estar “faltando” -1Ts 3:10- na fé do outro. Faz parte da glória do mistério do corpo de Cristo que a herança mais completa de “todas as coisas” em Cristo -Romanos 8:32- pressuponha que os santos herdem esta plenitude uns nos outros -1Cor 3:21-23. Quão crítico então é o perigo e o desastre de um espírito cismático?)) Onde outros escritores trataram adequadamente um tópico de importância, ficaremos contentes em servir como consultores de recursos, direcionando os participantes para aqueles que já construíram bem aquela seção do “muro”(Neemias 4:17).

Faço a analogia com o trabalho de restauração de Neemias, porque há vários anos, eu estava do lado de fora do antigo prédio da escola aqui na propriedade de Ben Israel, quando imaginei em minha mente as imagens dos livros pós-exílicos de Neemias, Ageu e Zacarias que tratam em tipo e profecia da restauração da casa de Deus. Ali, pareceu que ouvi a voz do Senhor nestas palavras: “Muitos virão do Oriente, do Ocidente, do Sul e do Norte e construirão a casa do Senhor”. Cremos que **o Senhor está preparando um corpo** (Sl 40:6-8; Hb 10:5; Ef 4:13; Ap 19:7), preparado novamente para o sepultamento, como demonstração e testemunho final a homens e anjos de obediência da fé, e que esta demonstração está destinada a ter o mesmo efeito em Israel que o testemunho de Estêvão teve em Saulo (Atos 7:58 com 9:5). E assim como “a Palavra do Senhor veio a João no deserto”, **é para tal corpo (a companhia de “filhos varões” de Apocalipse 12:5,13, o “homem perfeito” corporativo de Efésios 4:13) que a Palavra “virá” novamente e, ao vir, “enviará” muitos para um último grande impulso.** ((Tal “vinda” da Palavra derrota a complacência da familiaridade e traz a urgência da mordomia apostólica. Isto define a verdadeira apostolicidade. Aquele que é enviado é aquele a quem a Palavra “veio”. Também define uma diferença crítica no fenômeno de ouvir a Palavra. Uma coisa é ouvir as “palavras” de Deus; é algo distintivo “ouvir” a “Palavra” de Deus. É esse ouvir que gera a fé salvífica. Esta é a palavra “viva e eficaz” que divide -e discerne- entre alma e espírito -Hb 4:12-, que realiza ao mesmo tempo a morte e a ressurreição naqueles que ouvem; “hoje, ‘se’ você ouvir a Sua voz” -Hb 4:7- ... Ouvir assim é viver. Jo 5:24; 18:37.)) “O Senhor deu a Palavra: grande foi o grupo dos que a anunciavam” (Sl 68:11). “A sua linha estende-se por toda a terra, e as suas palavras até ao fim do mundo” (Sl 19:3-6; Rm 10:18). Isto fala da promessa de que antes do fim, “este evangelho do reino será pregado a todas as nações em testemunho” (Mt 24:14).

Muitos saberão que a palavra grega para testemunha é “marturion”, também traduzida como mártir. “E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte” (Apocalipse 12:11). **É o tempo da maior colheita, inigualável na história da redenção** (compare Ap 7:14; Dn 11:32-33; 12:3). ((Observe que o grego em Apocalipse 7:14 usa um artigo duplo definido mostrando que a “grande

tribulação” em vista é especificamente “a” grande tribulação da profecia do Monte das Oliveiras -Mt 24:21-, literalmente, “a tribulação, a grande.”)) Comentando sobre uma abordagem muito humanista do avivamento, e a natureza de curta duração de tais ‘despertares’ históricos, John Piper os distingue deste último, maior e duradouro ‘avivamento’, como aquele que vem “em rios de sangue.” Portanto, a igreja dos últimos dias é necessariamente uma igreja mártir, pois o seu testemunho é, em última análise, um testemunho “mártir”. E isto leva-nos à nossa definição de “evangelismo apocalíptico”, e também a uma consideração da natureza do “evangelho do reino” implícito no uso que Jesus faz do termo. ((Você notará que a declaração acima implica obviamente a presença da igreja na perseguição dos últimos dias, o que levanta a questão familiar do tempo do arrebatamento, e sugere por que aqueles que subscrevem um arrebatamento “pré-tribulacional” devem negar o termo “igreja” para os santos do “último tempo”, isto é, o tempo do Anticristo. Abordaremos esta questão num momento apropriado do curso e nos esforçaremos para mostrar os argumentos e pressupostos para ambos os lados deste debate.))

Nosso uso dos termos

Até que possamos preparar um glossário formal de termos, faremos ocasionalmente uma pausa ao longo do nosso estudo para esclarecer não apenas o uso convencional de certos termos-chave, mas também para explicar quaisquer nuances que possam estar associadas ao nosso próprio uso. Como sabem, os termos têm uma forma de evoluir, e isto é particularmente verdadeiro no que diz respeito à terminologia da teologia, por isso não será suficiente dar uma definição formal se não conseguir captar como é usada num determinado contexto. Um exemplo de caso é o nosso próprio uso do termo “apocalíptico” aplicado a uma abordagem distinta do evangelismo. Poderíamos ter usado o termo “evangelismo de crise” e chegar muito perto do nosso significado. Mas há muito mais coisas implícitas no termo “apocalíptico” do que na palavra “crises”, pelo que o esforço feito para compreender o termo parece justificado.

Há uma boa razão pela qual é útil conhecer tais termos, mesmo que a ideia essencial possa ter sido comunicada em palavras mais familiares. Como **tais termos têm uma história própria e são comuns, funcionando como uma espécie de taquigrafia na literatura de teologia**, é quase certo que **você encontrará esses termos**, não apenas em sua pesquisa, mas também **em seus ministérios, à medida que você engaja com a cultura moderna sendo uma testemunha** “preparadas para dar uma resposta” (Pv 15:28; 1Pe 3:15).

Visto que somos chamados a dar uma resposta (e certamente tal “resposta” implica muito mais do que persuasão intelectual), e visto que as Escrituras também dizem “quem responde a uma questão antes de ouvi-la, é loucura e

vergonha para ele” (Pv 18:13), **cabe ao servo de Cristo investir** uma medida razoável e responsável de **“lição de casa” na compreensão da linguagem, bem como dos pressupostos daqueles que ele ou ela deseja influenciar.** É claro que seremos obrigados a restringir tais definições apenas aos termos que funcionam significativamente na nossa tarefa de comunicar e defender a perspectiva que é recomendada neste curso. Outros termos mais gerais serão de responsabilidade do indivíduo, embora, como sempre, qualquer informação ou descoberta considerada útil será disponibilizada à turma através do servidor web descrito acima.

Apocalíptico: No uso acadêmico e acadêmico, apocalíptico (estritamente, o termo significa a revelação de coisas ocultas) é usado de pelo menos duas maneiras. No seu sentido mais técnico, o termo denota um corpo de literatura judaica que floresceu entre o século II aC e o século I dC. Os livros canônicos de Daniel e Apocalipse são considerados típicos deste gênero (tipo) de literatura. Embora existam de fato traços estilísticos comuns que distinguem este agrupamento literário, também existem diferenças notáveis entre apocalipses canônicos e não canônicos. Esteja ciente de que os estudiosos críticos modernos que podem não partilhar a nossa visão conservadora da inspiração única da Bíblia nem sempre reconhecem estas diferenças. Uma exploração mais completa da natureza e dos traços distintivos desta literatura está disponível na maioria dos dicionários bíblicos, e o valor relativo de tal investigação adicional você pode julgar pela seguinte citação (notando especialmente o último parágrafo) da breve pesquisa de George Ladd sobre “apocalíptico”. no “Dicionário Bíblico Pictórico Zondervan”.

“Existem semelhanças distintas, mas também diferenças ainda mais importantes entre apocalipses canônicas e não canônicas. As visões de Daniel fornecem o arquétipo que os apocalipses posteriores imitam, e o Apocalipse de João registra visões dadas ao apóstolo em formas simbólicas semelhantes. Tanto Daniel como Apocalipse contêm revelações transmitidas através de simbolismo; mas diferem dos apocalipses não-canônicos porque são experiências genuínas e não obras literárias imitativas, não são pseudônimos e não reescrevem a história sob o pretexto de profecia.”

A importância destes escritos apocalípticos é que eles nos revelam as ideias judaicas do primeiro século sobre Deus, o mal e a história, e revelam as esperanças judaicas para o futuro e a vinda do reino de Deus. Eles nos mostram o que termos como Reino de Deus, Messias, Filho do Homem, etc., significavam para os judeus do primeiro século, a quem nosso Senhor dirigiu o Evangelho do Reino.”

Embora os estudiosos se esforcem para distinguir a tradição profética da perspectiva apocalíptica, o **nosso interesse é a unidade da revelação inspirada sob a soberania de Deus**, independentemente do meio literário. Há traços claros de “apocalíptico” na tradição profética (isto é, os profetas pré e

pós-exílicos), tão certamente quanto o apocalíptico tem suas raízes no profetismo hebraico primitivo, particularmente porque emana do conceito profético do Dia do Senhor. Apocalíptico é essencialmente o resultado e o desenvolvimento do Dia de Yahweh, o centro da escatologia do Antigo Testamento. ((Escatologia vem do grego eschatos, “mais distante”, e logos, “palavra” ou “ensino”, e portanto significa “ensino sobre o fim das coisas”).) Pode-se dizer que **‘apocalíptico’ como uma perspectiva distinta e a orientação nada mais é do que a revelação deste ponto central de transição para o qual tende toda a esperança bíblica e do qual emana a glória milenar.** Além de sua forma literária distinta, não há nada nos apocalipses canônicos que não esteja implícito nos grandes temas escatológicos da profecia hebraica que convergem no Dia do Senhor. O conceito apocalíptico das duas eras (“este presente era má” vis-à-vis “a era vindoura”), tão proeminente na escatologia do Novo Testamento, é um exemplo claro, assim como o é também o incipiente dualismo e a angelologia (doutrina da intermediários angelicais) evidente no proto-evangelismo (evangelho original) de Gênesis 3:15. ((O “evangelho da semente” de Gênesis 3:15 introduz o misterioso dualismo das “duas sementes”. Isto prova, através da revelação progressiva, significar a atividade de dois espíritos opostos que distinguem a linha de fé piedosa da ímpia “semente” ou descendência da serpente, isto é, do anjo, Satanás. A semente da mulher - finalmente aperfeiçoada no Messias como aquela a quem o Pai dá o Espírito “sem medida” (Jo 3:34) - é também o Santo Espírito habitando o remanescente da fé. Ambas as sementes culminam em uma encarnação, no Messias como o “mistério da piedade” -1Tm 3:16-, e em Satanás como o “mistério da iniquidade” -2Ts 2:7-. Este dualismo de a inimidade espiritual atinge um clímax apocalíptico no conflito dos dois príncipes de Daniel 9:25-27 - “o príncipe Messias” vis-à-vis “o príncipe que há de vir”, isto é, o Anticristo. Esses dois príncipes lideram o duplo divisão da humanidade e representam a rivalidade dos dois reinos e o conflito dos tempos. Então, se entendermos a natureza e as raízes do ‘apocalíptico’ como constituindo a estrutura e a perspectiva tão completamente subjacentes à revelação do Novo Testamento (“o mistério escondido em outras épocas”), devemos olhar primeiro para a história da revelação que deu origem à ideia (ou melhor, preparou o caminho para a ‘revelação’) do Dia de Yahweh. Ao fazê-lo, descobrimos que é **para a própria aliança que devemos olhar para encontrar o pano de fundo de toda escatologia bíblica,** do Dia do Senhor e a escatologia apocalíptica do Novo Testamento. ((Deve-se salientar que o Judaísmo considera o Cristianismo do primeiro século como uma seita apocalíptica, nascida do mesmo “solo” apocalíptico que os sectários de Qumran -a comunidade dos Manuscritos do Mar Morto - do mesmo período. É bem sabido que o entusiasmo apocalíptico alimentou as consecutivas revoltas militaristas dos zelotes judeus contra Roma de 70 a 135 dC, terminando cada vez em desastre e decepção escatológica. Mais tarde, o judaísmo tendeu a evitar o apocalipticismo como um notório terreno fértil para o fanatismo, o sectarismo e a desilusão trágica.))

Em nossa próxima unidade retornaremos à aliança e à promessa como o contexto que deu origem ao conceito do Dia do Senhor, porque é a centralidade do **Dia do Senhor como ponto central** que estabelece não apenas a estrutura da escatologia cristã do século I, mas é uma **chave principal** para a compreensão do pano de fundo e do contexto da proclamação apostólica original. Ao voltarmos a examinar o **Dia do Senhor** em relação à sua influência na esperança judaica, reconheceremos **o seu lugar central como pano de fundo e estrutura para o “mistério do evangelho”**. É a revelação deste **mistério que constitui o conteúdo da proclamação apostólica original e que constitui também a base da resistência judaica ao mistério messiânico como pedra de tropeço**. ((Embora seja certamente bem sabido que os cristãos vêm em Jesus a “pedra de tropeço” escatológica, é importante perceber que este “escândalo” é particularmente devido ao paradoxo que o “mistério do evangelho” cria no contexto de a esperança judaica e sua expectativa de um evento unificado, o Dia do Senhor, trazendo a redenção messiânica por meio de um conflito final.))

A urgência do evangelismo do século I surge deste clima de uma conclusão apocalíptica iminente da era (“fuja da ira vindoura” Mt 3:7; Rm 1:18). **É o pano de fundo e o contexto desta urgência que este estudo pretende recapturar**. Nós objetivamos (com sua valiosa contribuição) traçar alguns dos fatores que parecem convergir e contribuir para a dinâmica do evangelismo pós-pentecostal. Queremos também examinar por que não vimos tal poder desde o fim do primeiro século.

O pano de fundo e o contexto do Evangelho Apocalíptico

É claro que o **evangelho apostólico original prosperou em uma consciência elevada e na expectativa de um apocalíptico iminente** ((Apocalíptico, porque é inerentemente pessimista da natureza humana e, portanto, de ‘melhoria’ progressiva, assume que a salvação e o julgamento são baseados na iniciativa soberana, e intervenção sobrenatural.)) **conclusão da era**. Sabemos que **os primeiros cristãos não estavam sozinhos nesta esperança**. Os historiadores apontam que no Israel do primeiro século havia uma série de seitas apocalípticas esperando o iminente Dia do Senhor, assim como também as escrituras afirmam que muitos estavam na expectativa do reino de Deus (Lc 2:25, 38; 3:15), um momento consistentemente associado ao Dia do Senhor. Contudo, com a ressurreição de Jesus, ocorreu uma mudança crítica nesta perspectiva escatológica fundamental. A revelação do evangelho introduz uma modificação radical no esquema judaico das duas épocas pelo paradoxo do reino anunciado como presente e ainda futuro na sua consumação. Os “poderes da era vindoura” invadiram a presente era maligna pelo Espírito de poder e revelação nas palavras e obras de Jesus e dos discípulos. Mas a principal ofensa apresentada no evangelho deve-se ao advento oculto e desconhecido de um

Messias crucificado que surge no meio de uma história que deixa inalterada a condição exterior de Israel. Isto é precisamente o que os judeus consideravam tão inconcebível no primeiro século, e continua a ser um obstáculo primário nas objeções judaicas ao evangelho hoje.

O escândalo da proclamação apostólica residia particularmente no fato de que o iminente “grande Dia de Deus”, concluindo esta presente era maligna e inaugurando a glória milenar de Israel, deve ser reconhecido como o Dia do retorno de Jesus (Atos 3:20, 21), que o profeta crucificado de Nazaré ((O Sinédrio sob a acusação de blasfêmia condenou Jesus à morte como um pretendente messiânico que se arrogou os títulos de divindade -“Filho de Deus”-.)) seja proclamado, não apenas como o Messias de Israel e Rei, mas como o Senhor ressuscitado da glória. Estas são afirmações chocantes e, particularmente no contexto do Judaísmo do primeiro século, tais afirmações foram calculadas para suscitar a oposição mais feroz. **((No que diz respeito à “ofensa” do evangelho, lembre-se que embora fosse comum que os judeus esperassem a ressurreição no “último dia” -Jo 11:24-, nada preparou Israel para o conceito de que o Messias deveria morrer - especialmente pela crucificação- e ser ressuscitado no meio da história, deixando a condição externa de Israel inalterada, e muito aquém das promessas milenares interpretadas literalmente -Atos 1:6-.))**

Conhecer os antecedentes e os pressupostos da escatologia e da crença judaica do primeiro século é avaliar a futilidade de tentar explicar a existência da igreja primitiva em bases naturais. Pelo contrário, a evidência da história equivale à maior prova possível da origem sobrenatural da igreja judaica primitiva. É impossível conceber que tais afirmações, como as registadas por Lucas no sermão pentecostal de Pedro, teriam sido aprovadas em solo judaico nos números que a história demonstra, independentemente do milagre do Pentecostes. Verdadeiramente, o sinal da ressurreição de Jesus e da vindicação messiânica é a evidência manifesta do Espírito. É a manifestação do Espírito Santo que é o testemunho contínuo da ressurreição de Jesus e da verdade do testemunho profético da igreja. O duplo testemunho de Jesus é então como agora o sinal do Espírito e a evidência da profecia, assim como diz a Escritura; “o testemunho de Jesus É o Espírito de profecia” (Apocalipse 19:10 b).

A Proclamação Apocalíptica em Relação às Desolações Iminentes de Jerusalém

Perspectivas relativas a Jerusalém e ao templo, não só nos Profetas, mas também nos Manuscritos do Mar Morto, confirmam que Jesus e a igreja primitiva não estariam sozinhos na sua expectativa de um julgamento iminente que ameaçava Jerusalém e o templo. É bem sabido que a

comunidade de Qumran (a seita que produziu os pergaminhos) já havia recuado para o deserto nesta expectativa. E porque não? Foi a perspectiva uniforme dos profetas. As desolações escatológicas de Jerusalém foram um tema persistente dos profetas, particularmente vívido na profecia apocalíptica de Daniel, um livro de profunda influência no apocalipticismo do primeiro século. Os sectários de Qumran tomaram como principal a interpretação literal das escrituras (embora também reconhecessem uma riqueza de tipo, figura e prefiguração espiritual). Tal interpretação literal os convenceu então, enquanto permanecemos na expectativa agora (com base na mesma base bíblica), **de uma assembléia escatológica no deserto** (mais sobre isso mais tarde).

Proeminente nesta visão apocalíptica era o conceito dos infortúnios (ais) pré-messiânicos, chamados em tempos posteriores de “os passos do Messias”. Este tema sobreviveu em alguns círculos ortodoxos do judaísmo tardio e moderno. É o que conhecemos em termos da profecia de Jeremias como o “tempo de angústia de Jacó” (Jr 30:7), e na profecia de Jesus no Monte das Oliveiras (baseada principalmente no livro de Daniel) como “a grande tribulação” (Dn 12: 1; Mt 24:21). Quaisquer que sejam as variações de detalhe, **esta perspectiva apocalíptica essencial (de um Dia climático do Senhor precedido por um breve período de julgamento e perseguição sem paralelo) era padrão entre os judeus que subscreviam a inerrância das Escrituras e a sua interpretação literal. Esta perspectiva apocalíptica essencial NÃO foi o que colocou os primeiros discípulos “fora do acampamento”**. Novamente, reiteramos, embora a ofensa do evangelho esteja particularmente na “ofensa da cruz”; esta frase é essencialmente uma abreviatura para o paradoxo maior do “mistério” que contrasta radicalmente com a expectativa judaica popular (mas falaremos mais sobre isto mais tarde).

Tradicionalmente, **“cristandade” professada tem desprezado a esperança judaica como carnal, repreensível e mal gerada. Isto é uma falsidade patente, uma caricatura de irresponsabilidade tanto histórica como teologicamente. Os judeus, que defendiam a visão apocalíptica descrita acima, adquiriram esta visão de forma bastante natural e apropriada de Moisés e dos profetas. Veremos que não só era bíblicamente consistente que os judeus deveriam manter esta perspectiva essencial, mas à parte da revelação do evangelho, “oculto em outras eras” e reservado para os “últimos dias” (Hb 1:2), pouco mais poderia ter sido entendido pelas escrituras que reverenciam os judeus. Por razões que examinaremos, as Escrituras mostram que Deus ocultou deliberada e propositalmente a revelação do Messias em um [mistério](#), selado em profecia (Is 8:14-17; Dn 9:24; 12:9), mas apenas tenuamente compreendido (Ef 3:5 “como agora é revelado”) até o tempo “designado” (Dn 11:35; 12:9-10; Mc 4:11; Rm 16:25; 1Co 2:7,8; 1Pe 1: 10-12). É o “segredo messiânico” (“não conte a ninguém até que o Filho do Homem ressuscite” Mc**

9:9), um mistério divinamente guardado, predito desde a antiguidade (Romanos 16:25; Atos 26:22), mas escondido por parte de Deus até o momento designado de revelação e proclamação. ((Os sectários de Qumran mostram uma compreensão muito semelhante do “mistério” como representando um [plano oculto oculto](#) nas escrituras proféticas a ser revelado nos últimos dias aos ‘maskilim’ -os sábios-, os eleitos das crises finais.))

Isto leva-nos agora à urgência e ao desafio das testemunhas da última geração. E como justificamos a nossa confiança numa proximidade cronológica com eventos que foram considerados “iminentes” (ou mais precisamente, “prestes a acontecer”) no primeiro século por uma assembleia escatológica que poderia falar de si mesma como aqueles “sobre quem os fins da era chegou? (1Co 10:11). Nós podemos? Devemos dizer que a Igreja está novamente numa encruzilhada crítica e no limiar de outro cataclismo mundial? Quem negará que estes são tempos de transição terrível? Mas será que estamos “nos últimos tempos?” (1Pe 1:5; 1Jo 2:18).

Onde estamos agora? Qual é a nossa tarefa?

Há um sentido em que **todo verdadeiro evangelismo é necessariamente de caráter “apocalíptico”**. Isto é, pressupõe a necessidade da intervenção divina, tanto pessoal como historicamente. A humanidade está em crise desde o início. Toda a criação está em trabalho de parto. O julgamento é constantemente ameaçador e potencialmente “às portas”.

Lembro-me da adaptação feita por Art da expressão de Arnold Toynbee a respeito da influência corruptora do poder. “As crises revelam, e as crises maiores revelam, muito mais.” **O evangelismo apocalíptico pressupõe a presença de crises e a abordagem certa das crises finais**. Na verdade, **com o aumento das tensões mundiais em torno da cidade do destino**, e as questões que ela certamente levantará e pressionará, **tal expectativa apocalíptica já não é teórica**. Mais uma vez a igreja pode dizer, não apenas existencialmente, mas também cronologicamente; “O fim desta era está chegando sobre nós!”

Mais uma vez a igreja se encontra na mesma conjuntura crítica e limiar de transição que o precursor do Senhor. Foi especialmente a perspectiva iminente das crises finais, “a angústia de Jacó”, que deu à advertência do profeta do deserto toda a sua urgência. E por mais que os estudiosos possam debater a compreensão pessoal de Jesus, **o Israel do primeiro século poderia atribuir apenas um significado possível à proclamação de Jesus: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo: arrependei-vos e crede no evangelho: (Mc 1: 15) A hora chegou, e o remanescente escatológico se distingue pelo arrependimento e pela fuga moral de uma ira iminente que**

é retratada na imagem de um fogo no deserto devorando tudo em seu caminho.

Este é então o contexto da missão de João e Jesus. Este é o quadro apocalíptico no qual se situa o envio inicial dos doze por parte de Jesus. Observe o contexto em que Jesus descreve o primeiro envio apostólico, mas com palavras que retratam uma missão final que estará em andamento no dia do Seu retorno. Vendo que Jesus saberia que esta missão preliminar seria interrompida antes do retorno prometido, é evidente que **Jesus descreve a missão temporária dos doze em antecipação representativa da missão final**, não apenas da missão que começou em Jerusalém (esta missão preliminar não começou em Jerusalém), mas igualmente da missão que estará em andamento no período da tribulação da “angústia de Jacó”, numa época em que dois terços da população judaica serão dizimados por inimigos devastadores (Zc 13:8). **Observe o contexto e os paralelos com um último grande impulso antecipado num mundo que está cambaleando sob uma perseguição final.**

A estes doze enviou Jesus e ordenou-lhes, dizendo: Não entreis no caminho dos gentios, e não entreis em cidade alguma dos samaritanos; mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel. E enquanto você for, pregue, dizendo: o reino dos céus está próximo. Curai os enfermos, purificai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios: de graça recebestes, de graça dai. Não tendes nem ouro, nem prata, nem bronze em vossas bolsas, nem alforje para a viagem, nem duas túnicas, nem sapatos, nem ainda cajados: porque digno é o trabalhador do seu sustento. E em qualquer cidade ou vila em que entrardes, perguntai quem nela é digno; e fique aqui até que você vá dali. E quando você entrar em uma casa, saude-a. E se a casa for digna, que a tua paz venha sobre ela; mas se não for digna, que a tua paz volte para ti. E qualquer que não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, saindo daquela casa ou cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que será menos tolerável para a terra de Sodoma e Gomorra no Dia do Juízo do que para aquela cidade. Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas. Mas acutelai-vos dos homens: porque vos entregarão aos sinédrios e vos açoitarão nas suas sinagogas; e sereis levados perante governadores e reis por minha causa, para servir de testemunho contra eles e contra os gentios. Mas quando vos entregarem, não vos preocupeis como ou o que haveis de falar; porque naquela mesma hora vos será dado o que haveis de falar. Porque não sois vós que falais, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós. E o irmão entregará à morte o irmão, e o pai o filho; e os filhos se levantarão contra os pais e os matarão.

E sereis odiados de todos por causa do meu nome; mas aquele que perseverar até o fim será salvo. Mas quando vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não passareis pelas cidades de Israel, até que o Filho do homem venha (Mateus 10:5-23 KJV).

Embora haja referência a uma população gentia dentro da terra, não há nada aqui de um testemunho mundial às nações como na profecia do Monte das Oliveiras (Mt 24:15). Mas a mesma iminência do reino está à vista em ambos os lugares com o tempo previsto de convulsão e perseguição. Há contrastes e semelhanças notáveis nos dois cenários, sugerindo que se trata de uma missão final que estará em andamento em Israel durante o período da tribulação.

Este é o mesmo horizonte sinistro que Paulo tinha em vista quando usa a seguinte linguagem:

“Suponho, portanto, que isso seja bom para a angústia atual? Mas digo isto, irmãos, o tempo é curto: resta que tanto os que têm esposas sejam como se não as tivessem; E os que choram, como se não chorassem; e os que se regozijam, como se não se regozijassem; e os que compram, como se não possuíssem; E aqueles que usam este mundo, como se não abusassem dele: porque a aparência deste mundo [já está passando] (1 Cor 7:26-31).

Na perspectiva de Paulo, como acontece com toda a igreja primitiva, o tempo é curto; o cataclismo mundial está próximo. Os profetas e os apocalipses “judaicos” de Daniel e Apocalipse falam a uma só voz sobre uma crise mundial final centrada na “controvérsia de Jerusalém”. (Ver artigo: “O Significado de Jerusalém”). Em todos os profetas, o Dia do Senhor e as dores preliminares do parto (“as dificuldades de Jacó”; “as dores de parto de Sião”) estão inextricavelmente ligadas a um tempo inigualável de angústia internacional que começa em Jerusalém.

E da perspectiva de Paulo, embora a vinda do Messias não esteja imediatamente “próxima” (iminente ou presente; 2 Tessalonicenses 2:3); é, no entanto, impendente. E como os profetas e o apocaliptista, Paulo deixa claro que, além dos eventos impendentes relacionados com Jerusalém (o templo na “Judéia”), não pode haver retorno do Messias. Sejam claros: fora das desolações finais de Jerusalém não pode haver Dia do Senhor e retorno de Jesus! Isto é da maior importância, porque sublinha onde estamos hoje. Completamos o círculo e, tal como Paulo e a igreja primitiva, trabalhamos sob a sombra de uma destruição iminente de Jerusalém, “um cálice de tremor”, que em breve mergulhará todas as nações nas crises finais. Mais uma vez Jerusalém está na encruzilhada da história, e isto define o nosso papel, administração e tarefa. “Aqueles que têm entendimento entre o povo instruirão a muitos” (Dn 11:33).

A igreja deve, como certamente o fará um remanescente, despertar para o tempo e para a administração de um testemunho de mártir dos últimos dias que chama as nações a prestarem contas relativamente ao testemunho da profecia. Será uma “apologética consumada” impossível de ignorar. Face a um desenrolar cada vez mais dramático de tendências e

acontecimentos milagrosamente preditos, expondo a obstinação da incredulidade e deixando as nações sem desculpa.

E por esta razão Deus lhes enviará o forte erro, para que creiam na mentira: para que sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça” (2 Tessalonicenses 2:11-12).

Curiosamente e paradoxalmente, diante do cumprimento mais pronunciado e prolífico da profecia na história, Daniel é constrangido a dizer: **“Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os ímpios procederão impiamente; e nenhum dos ímpios entenderá; mas os sábios entenderão”** (Dn 12:10). Mas quem são esses “sábios”? **E o que é que eles entendem?** Estas são as questões que pretendemos abordar nos próximos dias.

No nosso próximo estudo, começaremos a dirigir o nosso foco para a descoberta e identificação do conteúdo preciso e da substância desse testemunho do fim dos tempos que um remanescente soará às nações. Exploraremos maneiras de fazer aplicação e uso imediato desses grandes temas para chamar a atenção dos judeus para as crises cada vez mais profundas que ameaçam as nações em relação a Jerusalém, e direcionar sua consideração para os profetas, o milagre da Bíblia e a incrível sabedoria do evangelho. Na maioria das vezes, isto terá um efeito atrasado, mas provará ser um testemunho poderoso, à medida que o Espírito traz à lembrança aquelas coisas para as quais o testemunho profético tem apontado persistentemente em nome de Jesus.

A título pessoal, peço paciência aos participantes com a nossa abordagem. Há muito para estabelecer e aprender, e para nos levar à melhor apropriação e aplicação dos temas que contribuirão para um pronto testemunho e defesa da nossa perspectiva (e realmente da natureza do próprio evangelho), é necessário estabelecer algumas bases em algumas coisas que podem, no momento, parecer abstratas e teóricas. Mas acreditamos que se você perseverar, haverá muito que você poderá se apropriar e aplicar em seu próprio testemunho. Faça o que for razoavelmente conveniente; absorva o que puder e confie no Senhor com o resto. Nenhum de nós se encaixa bem na armadura de Saul, por isso estamos procurando juntos aquelas “pedras lisas” de Davi que não são apenas uma escolha em nossa preparação, mas também se ajustam perfeitamente à nossa personalidade distinta em Deus. Certamente, em tudo o que exploraremos juntos, será suficiente claro e útil para contribuir beneficentemente para os objetivos mais amplos do nosso estudo. Portanto, não se sinta excessivamente responsável por aquilo que possa pertencer mais especificamente ao interesse e uso de outrem. Lembre-se de que John, Jan e eu estamos comprometidos, tanto quanto o tempo permitir, em definir, esclarecer, explicar e ajudar em tudo o que pudermos.

Até a próxima edição, irmãos, orem por nós!

2. Que diferença faz a maneira como os cristãos encaram a profecia?

Reggie Kelly - 20 de janeiro de 2002

O estudo da profecia é vital para a descoberta da vontade divina na história. “O testemunho de Jesus é o espírito de profecia” (Ap 19:10). É notável que Pedro, depois de descrever a prova tangível de sua própria experiência sensorial da transfiguração (“testemunhas oculares de Sua majestade”), pudesse falar da escritura profética escrita (“a profecia que veio nos tempos antigos” v. 21) como “uma palavra mais segura.”

“Ora, nós ouvimos esta voz vinda do céu quando estávamos com ele no monte santo. Assim, temos ainda mais segura a palavra profética, e vocês fazem bem em dar atenção a ela, como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça no coração de vocês.” (2Pe 1:18-19).

É sempre às “palavras anteriormente proferidas pelos santos profetas” que os apóstolos apelam constante e invariavelmente para verificar o seu testemunho das coisas cumpridas e das coisas que virão.

“Amados, esta é, agora, a segunda carta que escrevo a vocês. Em ambas, procuro, com lembranças, despertar a mente esclarecida de vocês, para que se lembrem das palavras que, anteriormente, foram ditas pelos santos profetas, e também se lembrem do mandamento do Senhor e Salvador, que os apóstolos de vocês lhes ensinaram.” (2Pe 3:1-2).

Somente na medida em que o testemunho de Jesus pudesse ser demonstrado em conformidade com “o que Moisés e os profetas disseram que deveria acontecer” (Atos 26:22) ele poderia ser recomendado ao povo do livro como a prometida “esperança de Israel” (Atos 28:20). Nenhuma outra testemunha poderia ser considerada viável, pois Isaías havia dito “À lei e ao testemunho: se não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles” (Is 8:20). Somente esta autoridade constituiu para a igreja primitiva o último tribunal de apelação. Todos os outros tipos de evidência foram considerados secundários e contingentes à sua concordância com este padrão (cânone). O testemunho da profecia foi a base de toda proclamação, persuasão e defesa apostólica. A profecia é a prova escolhida por Deus de Sua existência e caráter (ver Is 41:21-23; 42:9; 43:9; 44:7, 26, 28; 45:4, 11; 46:10).

Profecia, Conhecimento de Deus e Adoração

A autenticidade da nossa adoração não pode ultrapassar o nosso conhecimento de Deus. É claro que, nas Escrituras, “o conhecimento de Deus” fala primeiro de relacionamento, mas tal relacionamento é baseado na revelação da verdade pelo Espírito Santo. Se Deus deve ser adorado “em Espírito e em verdade”, e se “nenhuma mentira vem da verdade”, cabe-nos “estudar para nos apresentarmos aprovados diante de Deus, manejando bem a palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15), na fé de que ‘toda a Escritura é inspirada por Deus e é proveitosa’ (2Tm 3:16).

Somos instruídos a “destruir toda imaginação” que ameace ofuscar ou comprometer a verdadeira e última glória de Deus por qualquer glória menor. Os crentes devem “estar sempre preparados para fazer uma defesa” (1Pe 3:15). Paulo falou da “forma das sãs palavras” (2Tm 1:15) e da “forma da doutrina” (Rm 6:17). A defesa da fé, para a qual Paulo foi “preparado” (Fp 1.17), implica a defesa da sua “forma”. Existe uma forma específica de glória que corre o risco de perda ou distorção se a intenção das escrituras for mal apropriada. O erro na verdade profética pode causar sérios danos em coisas como vigilância, previsão e preparação do coração para a perseverança paciente. Mas o mais importante é que é a demonstração da sabedoria e da glória do propósito soberano, da ação e da vindicação de Deus na história que está em última análise em jogo na nossa visão da profecia.

Remoção “da” ou preservação “através” da tribulação?

Qual é a intenção divina para a igreja desta dispensação? Se o julgamento começa na casa de Deus, então a que se estende esse julgamento? A vocação escatológica da Igreja está completa? Ou será que Deus pretende um reflexo completo de Sua imagem na igreja dos últimos tempos, mesmo especialmente em situações extremas, fraqueza e reprovação? Jesus faz a pergunta: “Quando o Filho do Homem vier, encontrará fé na terra? Que tipo de fé sobreviverá a uma apostasia sem paralelo (2Tes 2:3)? O que ou que tipo de tempo é significado a respeito de um remanescente vencedor que “não amou as suas vidas até a morte (Ap 12:11; Dn 11:32-35)? Existe uma base bíblica para a esperança de que a igreja atingirá tal plenitude suficiente para provocar ciúme em Israel? Será que as Escrituras antecipam um testemunho de mártir dos últimos dias através de uma igreja que exhibe o poder de um reino que está agora mais uma vez próximo (Ap 12:10)? Vendo que a tribulação tem um papel indubitável na história da igreja e na vida de cada crente (Atos 14:22), não podemos esperar que um período futuro de perseguição universal (Ap 6:10-11) desempenhe um papel maior na efetivação de uma plenitude escatológica?

Se Israel conhecerá a plenitude do Espírito no milênio, não é razoável esperar que Deus pretenda mostrar os primeiros frutos dessa plenitude na igreja, e assim

‘levar Israel ao cume, não apenas no primeiro século, mas especialmente na última hora da angústia de Jacó (Dan. 11:32-35)? É impossível conceber que Deus pretenda menos do que uma demonstração do poder e da glória da ressurreição através da igreja em um testemunho final de obediência até a morte (ver Ap 6:11; At 14:22; 1 Ts 3:4; Ap 1:9). Quem negará que a tribulação não aumenta a capacidade do crente de ter esperança e glória? Considere os seguintes pontos:

Coisas realizadas no fogo dos testes:

1. Purificar e refinar (Dan.11:35; 12:10). ((Se olharmos para a bem-aventurança milenar da raça judaica restaurada, veremos o maior monumento da história à graça eletiva. É a visão de um povo milagroso, ainda em corpos mortais, habitando em saúde e prosperidade ininterruptas -Isa.33: 24- por mil anos sem um único incidente de deserção da aliança em todas as suas gerações Ro.11:26-29 com Isa. 59:20-21; 4:3; 60:21; 62:12; 54: 10,13; Jer.31:34; 32:37-40 etc. et al.))
2. Aumentar a capacidade de resistência, amor, obediência e glória final (Rm 5:3-4).
3. Para demonstrar o poder da ressurreição aos celestiais através de testes e fraquezas.
4. Deslocar, por meio da submissão obediente até a morte, o governo usurpador da hoste caída de principados e potestades.
5. Tornar Israel ciumento através do auto-sacrifício final da Igreja num testemunho profético final que penetrará o véu sobre o coração judeu e tornará conhecido o mistério de Cristo e de Israel. ((Israel está esperando para ver a glória da Shekinah que partiu repousando sobre uma igreja que ‘não ama sua vida até a morte’. Na verdade, qual será o custo da misericórdia da igreja para com os ramos naturais?))

Então, é preservação no meio (Ap 3:10, Ap 12:14) ou remoção da presença da provação? Manifestamente, são ambos; mas, caracteristicamente, é o primeiro antes do último. Somente esta ordem é calculada para testar imediatamente o coração e revelar o poder e a glória de Deus. Se esta é a ordem normativa em todos os procedimentos de Deus, não deveria sugerir que Deus primeiro demonstraria o seu poder durante e através da tribulação, antes de remover a igreja da sua presença? Deverá a igreja da multiforme sabedoria e glória de Deus ser isenta do teste final que inaugura a revelação da glória final?

Quando os princípios de refinamento pessoal são estendidos à escala maior de um propósito escatológico, isso sugere a lógica da perfeição (plenitude) da igreja através da tribulação (ver Atos 14:22 com Dan. 11:32-35, Dan 12:9- 10). Na verdade, se este for um resumo preciso do padrão divino, o conceito de remoção equivale a um aborto da sabedoria e da intenção do “trabalho de Sião”.

((O trabalho da Sião celestial – a igreja – precipita o trabalho da Sião terrena – Jerusalém natural – prefatória ao reino; ver Gálatas 4:26; Hebreus 12:22-23; Apocalipse 21; Apocalipse 12:2; com Isa. 66:8-10; Jeremias 30:6-7; Dan. 12:1,2.))

A tribulação, temperada pelo Espírito da verdade, atua como um canal de nascimento para o poder transcendente da vida e da graça da ressurreição, manifestando através da fraqueza os poderes da era por vir. Até mesmo Jesus aprendeu a obediência “através” (e não ao redor) das coisas que Ele sofreu. O fim do poder humano nas crises dá lugar à revelação do poder da ressurreição em graça e glória (ver Dan. 12: 7, com Deuteronômio 32:36). “As crises revelam, e as crises finais revelam supremamente” (Arthur Katz).

Toda a Escritura é uma teologia contínua de ressurreição e triunfo sobre os elementos mundanos da ordem decaída. Esta é “a fé e a paciência dos santos”. O período da grande tribulação será o melhor momento de fé e testemunho da igreja diante da terra e do céu (Dn 11:32-35; Dn 12:9-10; Ap 6:10-11 com Ap 12:11). Portanto, com Paulo, dizemos: “Ninguém de maneira alguma vos engane; porque esse dia não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem do pecado” (2Tes.2:3), e com Jesus: “Cuidado para que ninguém vos engane”. (Jesus; Mateus 24:4). Por que tanta urgência? Qual é o custo do engano em relação a este assunto? Podemos propor que é a vindicação aberta de Deus na história que está em questão, e os poderes sabem disso (Ap 12:12). Significará a glória e a vindicação de Deus através de Sua igreja (Efésios 3:10) e através de Israel (Romanos 11:23-32) à vista de todas as nações (Apocalipse 1:7, Apocalipse 10:7, Ezequiel 39:21-23). O problema final (Mt 24:21; Jr 30:7; Dn 12:1) tem como objetivo pressionar e expor as grandes questões da fé. É o tempo da contenda final de Deus com Israel, a igreja, as nações e os poderes do ar. É o momento em que o mistério da iniquidade é revelado (2 Tes. 2:6-8), e os riscos não poderiam ser maiores.

3. A Esperança Nacional em Contexto

Reggie Kelly - 24 de janeiro de 2002

De acordo com o Antigo Testamento (Jeremias 31:34; Ezequiel 36:27 et al), a obediência autêntica e permanente à Torá é impossível sem a capacitação do Espírito. Para que a nação herde as promessas, a obediência à lei deve ser estabelecida da única maneira possível, a saber, o Espírito da fé. Contudo, a libertação final da maldição da aliança quebrada (julgamento e exílio) exige mais do que a obediência de alguns. Até que a justiça da aliança seja cumprida por toda a nação de uma vez e para sempre, não poderá haver posse permanente da terra. Aqui reside a chave para compreender o elemento da aliança que ainda está pendente com este povo, e do poder e graça que ainda está para ser demonstrado através desta nação eleita (“porque esta é a minha aliança com eles, quando eu removerei (futuro) seus pecados” Ro.11:26-27 com Jer.31:33-34 et al). ((Se olharmos para a bem-aventurança milenar da raça judaica restaurada, veremos o maior monumento da história à graça eletiva. É a visão de um povo milagroso, ainda em corpos mortais, habitando em saúde e prosperidade ininterruptas -Isa.33: 24- por mil anos sem um único incidente de deserção da aliança em todas as suas gerações -Ro.11:26-29 com Isa.59:20-21; 60:21; 62:12; 4:3; 54 :10,13; Jer.31:34; 32:37-40 etc. et al-. Israel exibirá testemunho final diante de todas as nações da preservação eterna dos eleitos.))

À parte de uma justiça eterna através da regeneração do Espírito, uma justiça que traz um remédio duradouro para a propensão ao retrocesso, não pode haver herança permanente ou segura da terra. Os profetas entenderam isso e apontaram para “aquele dia” em que todos os nascidos em Israel serão preservados na justiça e abençoados com o Espírito vivificante (Is 54:13; 59:21; Jr 32:39-40). Esta perspectiva surpreendente antecipa não apenas a eliminação da apostasia de Israel, mas o fim da presença perene do “remanescente”, uma vez que naquele tempo todo o Israel será uniformemente justo no coração e na vida (Jeremias 31:34; Isa. 4:3; 60:21). Somente uma justiça eterna pode garantir uma posse duradoura da terra (caso contrário, a possibilidade de falha da aliança ameaçaria continuamente com mais disciplina e exílio).

A história mostra que é necessário mais para a posse permanente da terra do que a presença de um remanescente justo, ou mesmo os reavivamentos fugazes sob os reis Josias e Ezequias. Embora possam impedir temporariamente o julgamento e o exílio, nunca são suficientes para evitá-los de uma vez por todas. Os profetas e santos nunca estiveram isentos das fortunas sofridas pela nação apóstata. A promessa significava que a renovação pessoal e a circuncisão de coração, conhecidas apenas por poucos, seriam verdadeiras para todos os que compõem a nação ‘naquele dia’. Até que não haja mais um único judeu vivendo na terra que não conheça o Senhor (Jr 31:34 et al), a “transgressão” de Israel

ainda não estará “acabada” (Dn 9:24). Somente quando toda a nação for renovada após o seu último e maior problema (Dn 12:1-2) é que a promessa será cumprida “para sempre”. ((De acordo com uma série de passagens, a nação renascida é inicialmente composta por um remanescente de sobreviventes penitentes após o holocausto final Jr.30:7; Dan.12:1, Mat.24:21 et al.))

Israel nunca tem a garantia de mais do que a posse temporária da terra “até que o Espírito seja derramado do alto” (compare Isaías 30:15; Zacarias 12:10; Ezequiel 39:29; Joel 2:28-29). Israel continua a estar sujeito aos ciclos de julgamento até que o ‘novo coração’ escatológico (Jeremias 31:34; Ezequiel 36:36) e o Espírito sejam dados a fim de que as condições da aliança possam ser suficientemente mantidas para assegurar a permanência da herança. Naquele dia, a lei estará não apenas no coração de Davi ou de Jeremias, mas no coração de todos os que restarem (Is 4:3-4; 11:11,16; Jr 31: 2) dos “fugitivos de Israel” (Is 4:2).

Manifestamente, Deus pretende reivindicar a sua prerrogativa soberana e capacidade de santificar um povo e levá-lo a ‘perseverar na santidade’, a fim de tornar a promessa eternamente segura para eles. Tal “justiça eterna” exclui para sempre a perspectiva de futuro fracasso da aliança. Desta forma, a herança baseia-se numa melhor aliança (a nova aliança de Jeremias) através de uma nova criação de regeneração espiritual, e é, portanto, segura para sempre. Através de uma nova criação do Espírito, a lei está escrita no coração de cada membro individual do que será “naquele dia”, uma nação quebrantada e contrita (Jeremias 31:33). Naquela época, a ameaça da lei violada não ameaçará mais a expulsão, pois agora o poder veio para cumprir a aliança em sua intenção própria e original, a saber, pelo dom do Espírito que soberanamente revela e vivifica a fé para “quem Ele quiser.”

Então, Deus não apenas cumpre a aliança com o seu povo, mas também a cumpre neles pelo Espírito de santidade (ver Jeremias 32:40). A regeneração pessoal do espírito e do coração, conhecida através dos tempos apenas por um pequeno remanescente, será a experiência corporativa da nação no aparecimento público e glorioso do Messias no grande ‘Dia de Deus’. E assim, a nação que foi inicialmente concebida por um milagre (Isaque) nasce num dia (Is.66:8). Jesus reprovou o erudito Nicodemos por não reconhecer que este princípio do renascimento nacional é também um pré-requisito para a entrada de cada indivíduo no Reino de Deus. O conceito de Jesus sobre o reino é a iniciativa divina que subjuga a velha ordem através da atividade reveladora, regeneradora e ressuscitadora do Espírito soberano, e isto, seja atualmente nas ‘primícias’ da renovação interior e individual, ou da plena renovação e colheita pública na “era por vir” da redenção mundial abrangente.

Além disso, Jesus compreendeu que em sua pessoa os “poderes do século vindouro” já estão em ação de forma decisiva e poderosa, produzindo salvação e cura num avanço imprevisto do “último dia”, daí as parábolas e ditos baseados em um “mistério do reino”. Isto contrasta obviamente com a visão contemporânea da nação. É um mistério, refletido nas Escrituras como escondido de Israel para julgamento. Isso quer dizer que o julgamento escatológico, há muito ameaçado, cairia sobre os presunçosos de uma maneira totalmente imprevista.

Devido aos retratos vívidos que os profetas fizeram do clímax do “dia do Senhor”, os julgamentos escatológicos que separariam os elementos apóstatas da nação do remanescente justo foram inevitavelmente associados a um tempo de crises nacionais. Este predito período de breve duração, chegando até o “último dia”, foi popularmente chamado de “ais(desgraças) messiânicos” ou “pegadas do Messias”. Contra tal pano de fundo de expectativa, pode-se começar a imaginar o efeito que este escatológico “segredo escondido de outras eras” (Colossenses 1:26; Efésios 3:9) teve no Israel do primeiro século, quando durante um tempo de relativa normalidade, e com pouca perturbação na sua vida pública, um julgamento silencioso de magnitude solene passa fatalmente, embora silenciosamente, pelo meio da nação inocente. O Messias de fato aparece, mas em um papel imprevisto (embora enigmaticamente predito, veja Is 52, Sal. 22), de sofrimento e rejeição como “pedra de tropeço e rocha de ofensa” (Is 8:14-17). ((O Messias modela, em seu sofrimento pessoal, os ‘ais’ escatológicos da nação, ou seja, “a angústia de Jacó” -Jr.30:7-))

O Messias representa em sua pessoa e no advento oculto, o fio de prumo escatológico do julgamento que chega com uma antecedência inimaginável do ‘último dia’. Assim entendido, “o mistério” funciona para peneirar e julgar a nação, visitando antecipadamente a separação escatológica do último dia. Ao mesmo tempo, ‘uma porta de fé é aberta aos gentios’, inaugurando uma nova dispensação de salvação pessoal que concede aos gentios uma participação plena e igual na herança e esperança de Israel através do corpo representativo e sacrificialmente substitutivo do Messias (Efésios 2:12-14; 3:6; Atos 26:6-7; 28:20; João 10:16; 11:52; Romanos 11:17). É “a glória deste mistério” (Colossenses 1:25-27), que o próprio Espírito de Deus aperfeiçoado sem medida no Messias (João 3:34 b) habite nos fiéis gentios. Esta maravilha excede largamente tudo o que se esperava anteriormente em relação à reintegração milenar de Israel. Os gentios procuraram as ‘migalhas da mesa dos filhos’, mas em vez disso receberam a promessa que dizia: “Até eles darei na minha casa e dentro dos meus muros um lugar e um nome melhor do que o de filhos e filhas; Dar-lhes-ei um nome eterno, que não será apagado.” E da promessa que se segue: “O Senhor Deus, que reúne os rejeitados de Israel, diz: Reunirei outros a ele, além daqueles que estão reunidos a ele”. (Isaías 56:5; compare também a profecia relativa à tarefa do Messias de reunir os gentios em Isaías 49:5-9).

Entretanto, neste meio tempo, a nação como um todo permanece temporariamente nas garras da apostasia e do julgamento sob uma condição soberanamente ordenada de cegueira e endurecimento. Provocativamente, e por desígnio divino, o mistério é ao mesmo tempo um instrumento de bênção e de julgamento. É bondade para todos os que, por revelação, percebem a sabedoria disso, mas, paradoxalmente, para aqueles que ‘tropeçam’, o próprio dispositivo preparado para abençoar torna-se ele próprio ‘uma armadilha e um laço’ (Is.8:14-15; Rom. 9:32-33; 11:9,11 com Sal.69:22 compare também 1Pe.2:4-8; Mt.21:42,44 com Sal.118:22; Isa.28:16 à luz de Lc. 7:19,23) o presságio da “severidade” judicial (Romanos 11:22). É, embora disfarçado e mal estimado pela prudência da época, o completo ‘resumo’ das ‘riquezas ocultas’ e ‘insondáveis’ da ‘multiforme sabedoria de Deus’ (1Co 1:18-23; 2: 7; Efésios 3:8-10; Col.2:2-3 com Efésios 1:9-10).

Que os gentios seriam abençoados na semente de Abraão era bem conhecido, mas esta expectativa estava naturalmente associada ao tempo da restauração nacional de Israel no fim dos tempos. Que deveria haver uma ‘chamada dos gentios’ antes ‘daquele dia’, e como resultado do maior ‘tropeço’ de Israel, era um mistério de proporções surpreendentes. (Rom.9:32 e Isa.8:14-17; mas veja Deut.32:20-21; Ez.39:24,29 com Mt.21:43 e Rom.10:19) Somente uma revelação vindo com o atestado e a confirmação mais fortes poderiam ter convencido a multidão de peregrinos reunidos no Pentecostes (Atos 2) e como ocorreu na conversão de Paulo.

Então era comum a expectativa de que o dom do Espírito seria concedido em conexão imediata com a chegada da redenção messiânica. Mas que esta graça aparecesse antes do Dia do Senhor para reunir um remanescente escatológico (uma ‘igreja’) dentre os gentios, enquanto a nação eleita é deixada no exílio e sob julgamento (Is.49:4-7) foi, e permanece, um mistério de imenso grau. A questão de Jesus é a questão de saber se o evangelho é ou não a revelação de um mistério pré-existente nos escritos proféticos do Antigo Testamento. (Efésios 6:18; Romanos 16:25-26; 1Coríntios 2:7-8; 15:1-5; Atos 26:22; Romanos 1:5; Gálatas 1:11; Col.4: 3; Efésios 3:4-9 com Romanos 11:25-29; especialmente Isaías 8:14-17.) Esta questão suprema contém a chave para a compreensão da ruptura histórica entre igreja e sinagoga. Será que Deus realmente ocultou o evangelho predito em mistério até o tempo pré-determinado de cumprimento e revelação? E Deus, ao fazê-lo, efetuou ao mesmo tempo um duplo propósito de julgamento e salvação?

Portanto, quando a igreja, num desrespeito ilegal pelo significado claro da linguagem, reinterpreta as promessas do Antigo Testamento excluindo a esperança nacional e histórica, ela perde completamente a sabedoria e a estratégia do mistério e torna-se assim “sábia nos seus próprios conceitos” (Ro.11:25). No entanto, o fato de os judeus ignorarem o testemunho do Novo

Testamento é igualmente presunçoso, omitindo arbitrariamente provas históricas viáveis que podem conter uma chave de compreensão que é completamente diferente daquela que tem sido historicamente representada pela cristandade nominal.

O abandono da Igreja em relação a Israel: um sintoma de apostasia

O fracasso da Igreja em compreender o significado teológico do Holocausto não é mais estranho do que a sua relutância em reconhecer o evento mais profeticamente carregado que ocorreu desde a destruição de Jerusalém em 70 d.C., especificamente, a reintegração de posse de Eretz Yisrael, e a formação no seu solo de um estado judeu. A reticência da igreja em relação à importância deste sinal moderno é ao mesmo tempo espiritualmente obtusa e uma declaração da dispendiosa ignorância da igreja sobre o próprio mistério que é calculado para salvá-la da arrogância do humanismo (Ro.11:25). É mais do que uma ignorância vencível; trai uma disposição que não vê incongruência no caráter divino se o fracasso de Israel for definitivo. Mas, “será que tropeçaram para cair?” “Deus me livre!” é a resposta apostólica que a maior parte daquilo que se autodenomina igreja ignorou para sua perda eterna (Romanos 11:11).

Enquanto a igreja espera recuperar a sua consciência original do papel de Israel na redenção mundial, as nações estão condenadas a definhar sob a dominação demoníaca até que Israel chegue a compreender o Yom Kippur à luz da cruz (Zacarias 12:10). A súbita e poderosa irrupção da revelação deste mistério responderá finalmente à pergunta do profeta “deverá nascer uma nação num dia?” (Is.66:8).

A tarefa escatológica da Igreja

Uma dimensão crucial da vocação escatológica da Igreja permanece virtualmente inexplorada e aguarda um cumprimento vital. É o chamado da igreja modelar diante da Diáspora Judaica a presença da Glória Shekinah que partiu através do poder do Espírito prometido e assim levar Israel à emulação. Assim, poderíamos dizer que a ‘justificação’ (regeneração nacional) de Israel espera pela ‘santificação’ da Igreja, e a paz mundial pela ressurreição da nação caída. Para este fim, Paulo trabalhou infatigavelmente, para que através de uma igreja madura (que é sempre uma igreja mártir), Israel pudesse ficar impressionado com o seu elo perdido. Paulo não era do tipo que ficava aquém do objetivo, sabendo que a chave para Israel é a igreja, e a chave para as nações é Israel. Portanto, quando a igreja, em sua “plenitude” corporativa, consegue levar Israel à emulação, ela atinge também a conclusão desta era.

Esta é manifestamente a percepção paulina da estratégia divina. Paulo reconheceu, como devemos, que enquanto Israel definhava na alienação e na incredulidade, o mundo também deveria fazê-lo. Não é recomendado como uma panaceia, mas não podemos considerar que a anemia da igreja no evangelismo deriva em parte da sua negligência do padrão apostólico de ir “primeiro ao judeu”. A igreja aprendeu suficientemente bem que “nem todos os que são de Israel são Israel”, mas será necessária uma demonstração histórica numa escala sem precedentes para convencer Israel de que ‘nem todos os que são da igreja são igreja’.

É uma ironia profética que o grito de guerra do nacional-sionismo seja “nunca mais!” quando, infelizmente, mais uma vez, em um teste final (“dores de parto do Messias”), Israel será lançado no deserto das nações (Ez 20), onde desta vez uma igreja profeticamente preparada (Ap 12:6) estará esperando para dar a sua vida pelo restante sitiado, que em breve se tornará uma nação santa. Quando o reino for restaurado a Israel após uma purificação pelo fogo, a criação terá o seu Jubileu de descanso.

“O que será recebê-los novamente senão vida dentre os mortos.”

Este artigo é um trecho de *The Historic Impasse Between Church & Synagogue*, de Reggie Kelly. O artigo completo está disponível [aqui](#).

4.A Visão Hebraica da Profecia

Reggie Kelly - 20 de janeiro de 2002

O fenômeno da profecia bíblica surge de uma profunda filosofia da história que, por meio da unção profética, interpreta o seu passado, ilumina o seu curso e prevê o seu objetivo final.

Na perspectiva profética, o futuro está moldando o presente e não o contrário. É por isso que os poderes do futuro escatológico, tanto no julgamento como na salvação, estão sempre penetrando nas circunstâncias contemporâneas, à medida que os homens são levados ao encontro com o futuro de Deus através da palavra da profecia. Seja para salvação ou julgamento, o futuro está sempre “próximo”.

A iminência do futuro profético inicia uma crise de decisão, não com base na proximidade cronológica, embora, devido à natureza da proximidade existencial com a eternidade, tal expectativa não fosse imprecisa. Pelo contrário, existe uma proximidade constante que todas as pessoas têm com o fim que justifica o conceito de uma “iminência existencial” no sentido das reivindicações morais e espirituais contidas na abordagem inexorável do futuro de Deus. Conseqüentemente, a infidelidade se aproximará do julgamento do grande dia, assim como a justiça, sua salvação.

Nota: Uma proximidade existencial sempre presente com o fim deve ser distinguida de uma eventual iminência cronológica que se torna verdadeira apenas na presença de sinais definitivamente preditos, como visto na profecia de Jesus no Monte das Oliveiras (Mt 24) e no pequeno apocalipse de Paulo em 2Tes 2:1-8 .

A religião de Israel, ao contrário da dos seus contemporâneos, baseava-se numa revelação que é mediada pela interpretação profética de eventos históricos baseada num padrão de aliança de salvação, julgamento e restauração. A vocação e a eleição de Israel estabelecem os laços de uma relação de fidelidade mútua e obrigação moral. Isto ajuda a explicar por que os livros históricos de Josué, Juízes, Samuel e Reis são designados como “Profetas antigos” no cânon hebraico. Os autores destes livros, tal como os profetas posteriores, viram que a história única de Israel era em si uma revelação de Deus.

Quando um escritor registrou a história do Antigo Testamento, ele não estava interessado simplesmente em escrever a história como história, mas em traçar a revelação de Deus nessa história e através dela. Esta história, porém, é seletiva de acordo com o que é revelador no contexto da aliança e da salvação. Mas

porque a história da salvação é controlada pelo “propósito de Deus segundo a eleição”, ela é distintamente a história de Israel.

Além da chave profética de Israel, a história é um enigma sem esperança. A futilidade humana pode ser atribuída ao seu fracasso em aceitar o desafio de Yahweh de testar a realidade de Sua existência e personalidade através do milagre da profecia. Deus escolheu que Sua existência e natureza fossem verificadas através de profecias relativas a Israel em particular. “Vocês são minhas testemunhas”. A profecia é o sinal que Deus escolheu para provar a Sua existência e poder e para revelar a glória e o terror da Sua pessoa, vontade e propósito.

Ao longo da segunda metade da profecia de Isaías, o “povo antigo”, no seu papel peculiar na história como testemunhas de Yahweh (“Minhas”), é apresentado como a chave para o significado da história. Através da evidência da profecia, Israel é o sinal do desígnio soberano e proposital de Deus na história. Nenhuma apologética da fé pode melhorar esta fórmula; e se quisermos ser testemunhas do Deus que predestina a história de acordo com uma vontade e um plano revelados, não podemos negligenciar o testemunho que o próprio Deus invoca, a nação eterna, Israel, à luz da profecia e da história.

O significado e o destino da história e até mesmo o propósito da criação foram colocados ao lado da auto-revelação de Deus através do Seu propósito profético para Israel e as nações através da Sua aliança de salvação no Messias Redentor (“o testemunho de Jesus é o Espírito de profecia;” Apocalipse 19:10). Se quisermos receber a mensagem de Deus através dos Seus atos na história, devemos vê-la refletida em grande parte através do drama profético da permanência de Israel no tempo.

Da perspectiva bíblica, o papel histórico e o destino das nações recebem significado apenas em relação ao futuro profético de Israel. No Novo Testamento, Paulo discute esse conceito de história da salvação em Romanos, capítulos nove a onze. Não se quer dizer, contudo, que o propósito de Deus em Sua obra providencial na arena da história seja, de forma alguma, apenas para o bem de Israel. Embora a eleição de Israel continue a ser central, ambos os testamentos declaram o alcance universal da intenção redentora de Deus para todas as nações.

O profeta era o portador de uma mensagem especial de Deus, dirigida particularmente à sua própria nação ou aos seus contemporâneos, e geralmente num momento de crise nacional. Ele diagnosticaria a verdadeira condição da nação diante de Deus, interpretaria a causa dos males presentes, declararia e interpretaria a vontade divina de acordo com o princípio regulador da aliança,

exortaria e consolaria o remanescente e alertaria o impenitente sobre a ira que se aproxima no sempre iminente Dia do Senhor.

O futuro para o qual a vontade divina está a mover todas as coisas é imutável e a sua rápida aproximação é inexorável, mas a relação de cada homem com este futuro é determinada agora pela sua resposta à palavra de revelação na boca do profeta. Por esta razão, pode-se dizer que toda profecia, seja ela reveladora ou preditiva, tem um impulso ético com base na aliança e tem como objetivo expor o coração, afetar o arrependimento e criar fé num contexto de promessa e esperança.

O profeta era o guardião da aliança, o executor de Moisés, mantendo a lei da bênção e da maldição anunciada entre o Monte Gerizim e o Monte Ebal (Dt 27-28). Mas, conscientes da incapacidade da natureza humana de cumprir a justiça exigida pela lei, os profetas misturavam a sua severa acusação com o bálsamo da promessa e as aberturas do amor para suscitar arrependimento, esperança e fé. É prometido a Israel uma aversão imediata à angústia presente se ela responder fielmente à mensagem do profeta, mas a redenção final e eterna só vem através da libertação messiânica sempre colocada no final do trabalho de Sião, um tempo final de angústia e tribulação inigualáveis culminando em o Grande Dia do Senhor.

Mas se o apelo de Yahweh através dos profetas for rejeitado, então o próprio chamado profético é um sinal de que o Dia do Senhor está se aproximando e se aproximando muito. Os seus poderes de destruição não serão adiados para um tempo distante. Já, no desprezo impenitente do apelo do profeta, o fim se aproxima para a geração da maior responsabilidade profética, porque onde há grande luz, há grande responsabilidade. Mesmo antes do seu cumprimento final e exaustivo no último dia, os poderes daquele dia vindouro poderão ser aplicados em julgamento sobre uma geração específica. Por outro lado, as bênçãos da era vindoura podem chegar antes desse dia como primícias através da presença e do poder do Espírito Santo.

Existe um padrão recorrente de julgamento e restauração baseado na eleição e na aliança que é fiel em seus ciclos. Desta forma, a história de Israel tem sido pontuada com repetidos esboços daquele dia final, e os profetas mostram uma consciência deste padrão, pois usaremos quase a mesma linguagem dos seus antecessores para alertar sobre uma ameaça quase contemporânea que é representada como não menos iminente do que os profetas anteriores aplicaram às invasões anteriores, também retratadas em todas as imagens do mesmo dia do Senhor. Isto foi descrito como a perspectiva próxima e distante exclusiva da profecia hebraica.

Independentemente de quantas gerações possam ter passado desde que um profeta anterior apresentaria a ameaça contemporânea na imagem familiar do dia do Senhor, com a sua promessa de julgar os inimigos de Israel e acabar com o cativo, um profeta posterior não hesitaria em usar a mesma linguagem para descrever o mesmo dia como não menos iminente. Se as advertências do profeta não forem atendidas, então, pelo compromisso de Yahweh em defender a palavra de Seu enviado, o dia está próximo por esse mesmo motivo. Mas aí daquele profeta que não foi enviado.

Uma visitação dos julgamentos daquele dia que não consegue realizar a libertação eterna de Israel e a posse segura e permanente da Terra não pode ser o cumprimento completo e exaustivo do dia do Senhor, mas pode trazer os julgamentos daquele dia vindouro em rigor e severidade sobre a geração que rejeita a Palavra enviada. Neste sentido, o próximo cumprimento do Dia do Senhor nas invasões e cativos históricos de Israel é a visitação antecipada dos poderes do Dia climático que chega até ao presente. É o impacto ou arrombamento do futuro, a presença do futuro.

Assim, os profetas, como intérpretes inspirados da história, deram-nos uma filosofia da história que deriva da experiência de Israel nessa história. O passado é ao mesmo tempo um padrão e uma promessa do futuro, um ponto de referência profético que revela o propósito ético e redentor de Deus desdobrado no progresso e no futuro da história da salvação. O significado de Israel é o significado da história. O Senhor da história e de toda a terra, e de todas as nações, por uma razão profunda, escolheu identificar-se exclusivamente como o Deus de Israel.

Finalmente, a consciência profética é que Deus escolheu educar a humanidade através do seu trato revelatório único com Israel. Se quisermos compreender o significado e a mensagem da história, só poderemos ter sucesso na medida em que submetermos os nossos corações ao aprendizado de Deus na Sua auto-revelação através dos profetas de Israel, que nos apresentam Israel como a grande lição prática da história.

“Porei a minha glória entre as nações; todas as nações verão o meu julgamento, que executei, e a minha mão, que impus sobre elas. Assim a casa de Israel saberá que eu sou o Senhor seu Deus, daquele dia em diante. Os gentios saberão que a casa de Israel foi levada em cativo por causa da sua iniquidade; porque me foram infiéis, por isso escondi deles o meu rosto. Entreguei-os nas mãos dos seus inimigos, e todos caíram à espada. Conforme a sua imundícia e conforme as suas transgressões, tratei com eles e escondi deles o meu rosto. Portanto assim diz o Senhor Deus: Agora trarei de volta os cativos de Jacó, e terei misericórdia de toda a casa de Israel; e terei zelo pelo Meu santo nome – depois de terem suportado a sua vergonha e toda a sua infidelidade com que foram infiéis a Mim, quando habitaram em segurança na sua própria terra e ninguém os assustou. Quando eu

os fizer voltar dentre os povos e os reunir das terras dos seus inimigos, e for santificado neles à vista de muitas nações, então saberão que eu sou o Senhor seu Deus, que os enviou ao cativeiro entre as nações, mas também os trouxe de volta para sua própria terra, e não deixou mais nenhum deles cativo. E não esconderei mais deles o meu rosto; porque derramarei o meu Espírito sobre a casa de Israel, diz o Senhor Deus. Ezequiel Capítulo 39:21-29

5.A Centralidade e o Significado de Jerusalém

Nas coisas pertinentes ao reino de Deus na terra, todos os caminhos levam a Jerusalém. “Roga pela paz de Jerusalém: prosperarão os que te amam” (Sl 122:6; o equivalente no Antigo Testamento de “venha o teu reino, seja feita a tua vontade na terra”).

Ó Jerusalém, coloquei vigias sobre os teus muros, que não se calarão de dia nem de noite; ó vós, que invocais o Senhor, não descanséis, 7 e não lhe deis descanso até que ele estabeleça Jerusalém e a ponha por objeto de louvor na terra. Is 62:6-7

Mas antes de Jerusalém ser feita ‘um louvor’ na terra, ela primeiro é feita ‘um cálice de tremor para todos os povos’.

E naquele dia farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos: todos os que se sobrecarregam com ela serão despedaçados, embora todos os povos da terra se reúnam contra ela (Zc 12:3).

Jerusalém será o epicentro da tempestade que se aproxima. O dilema ameaçador e insolúvel de Jerusalém tornar-se-á cada vez mais a “batata quente” da política internacional, a proverbial “mosca na sopa” que ameaça a estabilidade mundial. A intransigência judaica sobre Jerusalém é talvez a fonte mais provável para o ressurgimento profeticamente antecipado do anti-semitismo mundial. Na verdade, é o problema intratável de Jerusalém, em particular, que é calculado por Deus para atrair irresistivelmente todas as nações para o conflito final que levará ao Armagedom e ao Dia do Senhor.

Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua cidade santa, para (1) acabar com a transgressão, e (2) para dar fim aos pecados, e (3) para fazer a reconciliação pela iniquidade, e (4) para trazer a eternidade justiça, e (5) para selar a visão e a profecia, e (6) para ungir o Santíssimo (Dan. 9:24).

A controvérsia de Sião é a extensão dos últimos dias da antiga disputa que tem ocorrido nos céus e na terra a respeito do “santo pacto”. Jerusalém representa o lugar do nome de Deus, o local do governo divino sobre a terra. É por isso que “as nações se enfurecem e os povos imaginam coisas vãs”. Em questão estará o resultado final da disputa que começou nas tendas de Abraão, e que deve continuar a dividir os descendentes de Abraão e Isaque até que estes antigos irmãos sejam gloriosamente reunidos com a chegada da paz messiânica, tão graficamente retratada em Isaías 19:18-25. É a questão da aliança que conduz inevitavelmente à questão da eleição e do governo soberano de Deus, do Seu direito divino de escolher o que quiser. E esta questão, a mais problemática, apresenta-se forçosamente sobre a questão de Jerusalém e “da terra”.

Dado que a escolha e a declaração de Deus são a questão da Sua autoridade e governo, constituem necessariamente uma ‘problema’ divino calculado para

ofender a razão humanística (“o homem natural”) e para evocar a ira dos poderes. Isto ocorre especialmente porque a sabedoria de Deus expressa na “regra da graça” se opõe tão completamente a qualquer noção de que o direito de promessa e herança seja de alguma forma baseado na qualificação, virtude ou mérito humano (ou seja, a ética relativista da moralidade humanista).

Através da estratégia divina de uma sabedoria oculta revelada primeiro na cruz de Cristo, e agora novamente reiterada no final dos tempos através de um povo que “não ama a sua vida até à morte”,

Satanás é finalmente derrubado; e os governantes orgulhosos e rebeldes das trevas deste mundo são finalmente derrotados e destituídos de seus tronos para que “**agora** chegou a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo: porque o acusador de nossos irmãos é abatido, que os acusava diante do nosso Deus dia e noite” (Apocalipse 12:10). E “os reinos deste mundo **se tornaram** os reinos de nosso Senhor e do seu Cristo (Apocalipse 11:15).

‘A controvérsia de Sião’ é calculada para pressionar as nações sobre as grandes questões de Deus, Seu propósito predestinado e a soberania e autoridade de Seu governo. Pretende chamar a atenção do mundo para o direito da reivindicação divina e as implicações da aliança eterna que as nações historicamente ignoraram, transgrediram e presunçosamente desafiaram (Is 24:5). Na verdade, todas as nações serão forçadas a enfrentar as grandes questões que a crise de Jerusalém foi divinamente pretendida suscitar.

Porque Jerusalém significa a questão do governo de Deus, torna-se o ponto focal para o confronto final e fatídico entre Deus e os poderes caídos do ar. Seu domínio manipulador sobre governos, instituições e homens será identificado e quebrado através dos julgamentos que cairão sobre todas as nações por causa do que esta cidade representa no propósito eterno de Deus de estabelecer Seu governo teocrático sobre as nações fora de Jerusalém (Salmo 2; Miquéias 4:1-8). Portanto, o deslocamento final dos principados e potestades está ligado aos pontos de discórdia divina que são provocados e expostos através da controvérsia de Sião.

Que esta única montanha (Sião) e esta única cidade sejam concedidas por decreto divino a um **determinado** povo étnico, e em nenhuma outra base que não seja a graça eletiva e soberana de Deus, é calculado, como nada mais, para extrair a ofensa final à sensibilidade à razão humanística; é um escândalo consumado. Mas também representa a ameaça final ao domínio ilícito dos poderes usurpadores caídos que se opõem e guerreiam contra a intenção de Deus de governar todas as nações a partir desta cidade. Significativamente, o próprio título de Satanás, “o acusador” (ou seja, aquele que se opõe) deriva de

uma declaração em Zc 3 em relação à soberania da eleição de Jerusalém por Deus. De acordo com os profetas que frequentemente identificam Jerusalém com Sodoma e Babilônia, a outrora fiel mulher agora se tornou uma prostituta, Jesus refere-se à centralidade simbólica de Jerusalém como também a própria sede da apostasia e da rebelião: “Contudo, devo andar hoje, e amanhã, e no dia seguinte: “porque não pode acontecer que morra um profeta fora de Jerusalém” (Lucas 13:33; cf. também Apocalipse 18:24 com Apocalipse 17:16-18). É portanto apropriado que a Besta mate os dois profetas de Apocalipse 11 em Jerusalém. Significativamente, o Anticristo, de acordo com as aspirações usurpadoras de Satanás, “plantará os tabernáculos do seu palácio entre os mares, na gloriosa montanha sagrada?” (Daniel 11:45). Isaías 14:13 sugere que por trás da aspiração do Anticristo de tomar Jerusalém como sua capital está a inveja original de Satanás pela nomeação do Messias para governar a partir da cidade escolhida. “Pois disseste no teu coração: Subirei ao céu, exaltarei o meu trono acima das estrelas de Deus: também me assentarei no monte da congregação, nos lados do norte (uma referência definida a Jerusalém: “Belo de situação, alegria de toda a terra, é o monte Sião, nos lados do norte, a cidade do grande Rei” Sal. 48:2).

Por que os pagãos se enfurecem e o povo imagina coisas vãs? Os reis da terra se levantam, e os governantes conspiram entre si contra o Senhor e contra o seu unguido, dizendo: Rompamos as suas ataduras, e sacudamos de nós as suas cordas. Aquele que está assentado nos céus rirá; o Senhor zombará deles. Então ele falará com eles em sua ira e os irritará em seu grande descontentamento. No entanto, coloquei meu rei no meu santo monte de Sião.

O impulso de lutar contra a escolha de Deus levanta questões mais profundas sobre como as pessoas entendem a base da sua própria posição e relacionamento diante de Deus. É um primeiro princípio crítico da salvação pessoal reconhecer que a graça é totalmente “independente” das obras, que o dom de Deus não é prejudicado por qualquer qualificação ou virtude humana. E embora a escolha de Deus antecipe a necessidade de um novo coração (seja indivíduo ou nação, “vocês ‘devem’ nascer de novo”), esta, no entanto, nunca é a sua base (Romanos 9:11). Baseia-se na eterna predeterminação de Deus através da aliança eterna que garante a imputação de outro tipo de justiça que é exclusivamente de Deus, e somente pela instrumentalidade da fé ‘imputada’ a fim de excluir qualquer reivindicação ou mérito natural.

Jacó se torna Israel pelo poder de Deus no tempo determinado (“e quando ele tiver conseguido ‘espalhar o poder’ do povo santo, todas estas coisas estarão consumadas” Dan. 12:10). Para a nação alienada e apóstata, significará a “introdução da justiça eterna” (Dan. 9:24). Mas, tal como na salvação pessoal, a justiça que virá a Jacó “naquele dia” é o mesmo dom gratuito de Deus, baseado num propósito eterno na graça que tem a sua operação completamente “à parte” da obra ou vontade humana. E Israel constituirá a demonstração nacional e visível de que a salvação é “inteiramente” do Senhor, conferida somente com

base na graça, somente através da fé, somente por Cristo, e esta graça é baseada na eleição. Por que eleição? Paulo responde: “Porque os filhos ainda não nasceram, nem fizeram bem ou mal, para que o propósito de Deus segundo a eleição se confirmasse, não por obras, mas por aquele que chama” (Romanos 9:11). A promessa está de acordo com a eleição, porque somente o ato soberano da escolha de Deus define completamente a natureza da graça e a base sobre a qual ela é dada ou não (“a quem Ele quiser” João 5:21; Romanos 9:18).

Portanto, o desprezo perpétuo de Ismael pelo filho da promessa toca a questão da própria base da promessa e da própria natureza da graça. É mais do que desprezo por aquilo que Deus escolheu, é a presunção que se levanta para lutar contra o direito divino de escolher, revelando uma falta de consciência da extensão da ruína do pecado e da única provisão justa para o seu remédio. Assim, então, o dilema de Jerusalém (como a sua contraparte trans-histórica, o chamado “Problema Judaico”), está ordenado a levar as nações a uma consideração de questões muito maiores do que a própria Jerusalém, a saber, a questão da natureza da justiça conforme definida pela eleição e graça, conforme colocado por Paulo especialmente nos livros de Romanos e Efésios.

É de se esperar que, na estratégia divina que leva a era à sua conclusão predestinada, questões deste tipo final não sejam deixadas nas sombras, mas que todas as nações sejam, finalmente, obrigadas a considerar a base da justiça o caráter da graça. Tal é o propósito de Jerusalém no esquema da sabedoria divina.

6. Restaurando o Contexto

Introdução

Na nossa última unidade, iniciamos um exame das raízes da perspectiva apocalíptica que inspirou e deu urgência ao anúncio e ao testemunho apostólico. Observamos que a estrutura apocalíptica da crença judaica do primeiro século cresceu naturalmente a partir do conceito do Antigo Testamento sobre o Dia do Senhor. Salientamos que a igreja dos últimos dias, armada e animada por uma restauração desta perspectiva, irá mais uma vez, em face do cumprimento mais prolífico da profecia na história, “profetizar novamente diante de muitos povos, e nações, e línguas”. e reis” (Ap 10:11).

Observamos que, contrariamente ao ensino popular sobre o arrebatamento, o último testemunho da igreja às nações é realizado durante uma perseguição mundial final (“até que todos os seus conservos e irmãos foram mortos, como eles haviam sido” Apocalipse 6:9 -11). Assim como nosso Senhor viveu sob a sombra de uma “hora” vindoura, também a igreja está destinada a uma hora final de teste e purificação (Dn 11:35; 12:10; Ap 12:11; 19:7). ((Significativamente, a hora final de provação da igreja está em paralelo notável com o ministério de Jesus a Israel por um período igual de 3 anos e meio.)) Esta perspectiva salva a igreja de uma atitude estática de “todas as coisas continuam” e a imbui de uma senso de expectativa iminente de esperança e preparação sóbria para a provação ardente. A própria palavra “apóstolo” implica uma dinâmica de urgência como aquele que é “enviado”. Na verdade, uma igreja que é “apostólica” move-se sob uma urgência profética de mordomia e missão para preparar o caminho do Senhor. Uma igreja apostólica é uma igreja que está num movimento decisivo porque o tempo é curto; a hora está ‘próxima’.

Por mais seculares que sejam atualmente e insensíveis às categorias bíblicas, os judeus de todas as nações serão confrontados com um conjunto crescente de evidências proféticas invencíveis que são visivelmente atestadas nos acontecimentos mundiais atuais e na experiência judaica contemporânea. A crescente incidência de surtos anti-semitas e a indignação internacional contra Israel e os judeus darão autoridade e força crescentes ao testemunho profético da igreja de um tempo próximo de angústia de Jacó que peneirá os judeus através das nações e testará todas as nações através da “controvérsia de Sião” (Is 34:8; Jr 25:31). ((Todo o Antigo Testamento (história e profecia) dá testemunho de que as nações são responsabilizadas pelo tratamento dispensado ao povo escolhido, tanto dentro como fora da terra, seja dentro ou fora do favor da aliança. Uma leitura literal da profecia sugere profundamente que o destino

milênar das nações será grandemente impactado pelo seu tratamento inconsciente dos “desprezados” –Is 60:14; Jr 33:24; Ez 28:24-26 – raça de “párias” errantes –Is 16:3; 27 :13- passando pelo meio deles -veja também Mt 25:40, 45-.))

É por isso que a igreja não deve recuar em confrontar Israel com a evidência da profecia e do testemunho da história do julgamento da aliança (Dt 28-32), independentemente do seu estado atual de literacia bíblica. O testemunho da Palavra profética, e a vida que aponta para esse testemunho, ainda é o único meio de evangelismo divinamente sancionado. A falta de conhecimento bíblico judaico apenas exige uma maior responsabilidade da igreja em educar-se naqueles temas críticos que tocam o testemunho do próprio Deus e apelam à nação errante, nomeadamente a aliança e a profecia. Podemos estar certos de que teremos mais oportunidades de apresentar esse testemunho à medida que os eventos contemporâneos obrigam os judeus a considerar as categorias bíblicas de aliança e profecia, de julgamento e salvação.

O incômodo problema da terra, e particularmente da cidade de Jerusalém, testará não apenas as nações, mas também a igreja nas nações. O apelo final de Deus às nações é o testemunho profético da Sua soberania divina na história, conforme interpretado no contexto das alianças de Israel e refletido no aprofundamento da crise no Oriente Médio. Para além deste contexto factual, a crise do Oriente Médio é um acidente histórico sem sentido, explicado apenas em termos de aspirações religiosas e nacionalistas. É notável que isto seja o que a maior parte da cristandade mundial acredita. Há uma tremenda cegueira em relação ao significado profético do moderno Estado de Israel, mesmo entre os evangélicos fervorosos.

Como se pode esperar que a igreja (e muito menos os poderes seculares) atribua significado profético a um estado incrédulo moderno? Que reivindicação o povo judeu não salvo pode ter sobre a terra, mesmo durante o período do Antigo Testamento; a posse da terra estava condicionada à obediência à aliança? Afinal, a aliança que Deus iniciou com Abraão não está agora completamente cumprida em Cristo e na criação da igreja, o novo homem, onde não há judeu nem grego? A partir disto podemos começar a ver quão profundamente esta questão irá testar a igreja em termos da sua visão de Israel. Mostraremos que a visão que a Igreja tem de Israel é tão sólida quanto a sua visão da aliança e o seu próprio lugar nela.

A forma como a Igreja percebe a sua relação com Israel na sua crescente humilhação internacional determinará grandemente a sua própria capacidade de resistir à infecção do anti-semitismo mundial. Então virá a forma definitiva da “solução final”, à medida que o Anticristo impor a sua política de extermínio total dos Judeus em todas as nações. Sem dúvida, o “forte engano” que é

divinamente enviado a todos os que não recebem o amor da verdade assumirá uma forma anti-semita (2Ts 2:11-12).

Dado que a questão de Jerusalém provará ser cada vez mais a questão da paz e da estabilidade mundiais, o “problema judaico” historicamente intratável desafiará mais uma vez a igreja, bem como as nações. A autocompreensão da própria Igreja será finalmente testada pela sua atitude para com Israel. A menos que a igreja tenha entendido a sua própria posição perante Deus como baseada na mesma aliança de graça e amor eletivos que requer e assegura a salvação de “todo o Israel”, a sua equanimidade falhará através da provocação final que Israel se tornará.

Por que deveria ser preocupação da igreja não dar descanso a Deus até que Ele faça de Jerusalém “um louvor na terra”? (Is 62:7). Tal intercessão por uma cidade tão “terrena” só é explicável se houver uma aliança incondicional que permaneça firme e segura com aqueles que, apesar da sua atual oposição, são, no entanto, “amados por causa do pai”, porque “os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis.” Por que outro motivo a igreja deveria orar e sofrer por esta cidade? A única igreja que terá este coração para Jerusalém é a igreja que é capaz de reconhecer o significado permanente de Israel na aliança e na profecia, como pertencente ao reino de Deus na terra. Uma coisa é falar de um reino oculto ou espiritual, e isso é verdade, mas a vindicação final de Deus na história aguarda que o reino seja estabelecido “na terra como no céu”. Em Daniel é chamado “o reino debaixo de todos os céus” (Dn 7:27). Por que? Porque a terra é o cenário ‘visível’ da oposição, e é a “repressão” de toda oposição no contexto da história que o reino mediador de Cristo está destinado a realizar (1Cor 15,24-25). Esta abordagem “literal” da interpretação profética é chamada de “pré-milenismo”, e é seriamente contestada por muitos líderes evangélicos, e levemente rejeitada por outros. Mas o que tal indiferença e oposição significarão para a igreja nos próximos dias?

A questão de Jerusalém é a questão da aliança davídica, que é uma extensão da promessa “incondicional” (Sl 89:19-36; Is 55:3) de um rei messiânico da linhagem real de Judá (Gn 49:10; 2Sm 7:12; Sl 2; Is 9:6-7; Miq 5:2). As alianças Abraâmica e Davídica garantem incondicionalmente uma herança eterna da linhagem judaica física na terra e no reino de Israel? A resposta da igreja a esta questão será decisiva na perspectiva e atividade dos seus últimos dias. Uma dispensação de exigência divina está próxima para o mundo e para a igreja, que transformará a antiga “questão judaica” numa questão última. O que para muitos permaneceu em segundo plano na divisão teológica, em breve será exigido de todo crente. A questão de Jerusalém é a questão da escolha soberana de Jacó por Deus (mesmo antes de Jacó se tornar Israel!). Jerusalém é a questão da soberania divina na história, o governo de Deus. Isto é conhecido pelos maus “governantes” das trevas deste mundo; e é por isso que eles se enfurecem contra

a promessa de que o rei ungido de Deus ainda governará todas as nações a partir de Jerusalém (Sl 2). O próprio nome de Deus está ligado ao destino desta cidade demasiado terrena. É por isso que Deus “servos têm prazer nas pedras dela e se agradam do seu pó” (Sl 102:14). É por isso que Neemias chorou, e é por isso que a igreja que “entende” (Dn 11:33; 12:10) também sofrerá (Ap 12:2).

Jerusalém é o lugar escolhido para o descanso de Deus, porque significa a vindicação final de Sua promessa e governo. A libertação espiritual de Jerusalém marca o dia da vindicação aberta de Deus “à vista de todas as nações” (Sl 98:2; Is 26:11; 40:5; 52:10; 62:2 Ez 39:2; Miq 7: 16-20). O milênio do descanso sabático chegará quando o crucificado “Rei dos Judeus” retornar ao lugar de Sua rejeição para governar todas as nações a partir da “cidade do grande rei” (Sl 48:2; Mt 5:35; Sl 132;14; Is 62:1-7; 66:1; Jr 30:10; Sof 3:16-17).

Jacó será abraçado na humilhação e no terror da sua situação extrema por uma igreja que entende o seu próprio destino como inextricavelmente ligado ao dele. Na verdade, o propósito escatológico de Deus para a igreja como uma noiva preparada e purificada (Ef 4:13; Ap 19:7; Dn 12:10) está inextricavelmente ligado à promessa da Sua aliança relativa à transformação espiritual dos filhos naturais de Abraão. Esta transformação vem como resultado da “angústia de Jacó” (Jr 30:7). ((O termo ‘angústia de Jacó’ deriva do terror que o patriarca enfrentou quando soube que seu indignado irmão Esaú estava se aproximando com quatrocentos homens armados -Gn 32:6-31-. Naquela noite, no vale Jaboque, Jacó ‘luta’ com o anjo do Senhor no pavor da morte quase certa, a menos que o anjo possa ser obrigado a abençoá-lo. Isso ele recebe, mas somente depois de ser “tocado na coxa de sua força”. Através da transformação desta crise, o nome de Jacó é mudado para Israel -“um príncipe que tem poder com Deus”-. A partir deste momento, Jacó anda mancando, símbolo do fim da auto-suficiência, um sinal da fraqueza e quebrantamento da carne que deve acompanhar transformação espiritual e autoridade.))

Antes de mergulharmos na questão da aliança e nos temas relacionados que parecem mais cruciais para a visão e preparação da igreja para o testemunho dos últimos dias, há mais uma questão preliminar que já comprometeu seriamente a prontidão da igreja em relação a Israel. Isto, por sua vez, explicará o esforço que sentimos que deve ser feito para estabelecer uma base de contexto e estrutura para as questões extremamente significativas que a igreja já está começando a enfrentar.

Antes de podermos ser o que Deus pretende para Israel, a própria igreja deve estar preparada para o engano inigualável que já se apresenta em certas tendências. Embora a igreja tenha resistido triunfantemente a muitas crises históricas que a testaram até os seus alicerces, e embora as “portas do inferno”

nunca prevaleçam contra o “remanescente segundo a eleição da graça” (Mt 24:24; Rm 11:5,7), o maior teste da igreja vem com um engano tão grande que causa uma “apostasia” final, um tempo fatídico de divisão final que passará por todas as fileiras da cristandade professa (cf. Mt 24:24; 2Tess. 2:3; 1Jo 2:18-19). É preocupante considerar que algumas das mesmas questões que acabarão por testar todas as nações já dividem fortemente a opinião entre os evangélicos. É aqui que devemos ter certeza do terreno sob nossos pés, não apenas para nossa própria sobrevivência espiritual, mas para todos aqueles que possam ter o privilégio de ajudar, porque mesmo os eleitos escaparão por pouco do engano que está por vir (Mt 24:24).

É necessário lembrar que a primeira resposta do Senhor à pergunta do discípulo (“qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?”) é uma advertência contra o engano sem paralelo: “Cuidado, que ninguém vos engane!” Nenhum outro tema é tão reiterado em todo o balanço da profecia do Senhor no Monte das Oliveiras. É a mesma urgência observada em Paulo quando ele descobre que o erro está se espalhando a respeito da ordem dos eventos apocalípticos: “Ninguém de forma alguma vos engane!”

Uma nova dispensação ((‘Dispensação’ vem da palavra grega ‘oikonomia’, portanto, do inglês ‘economia’. Um exemplo do termo no Novo Testamento descreve a administração de uma família -Lc 16:2-12-. Uma o mordomo é avaliado de acordo com sua fidelidade na gestão de uma custódia, uma certa responsabilidade prescrita. No uso bíblico, “uma dispensação é uma era de tempo durante a qual o homem é testado no que diz respeito à obediência a alguma revelação definida da vontade de Deus” -O Novo Dicionário Bíblico de Unger-.)) de mordomia (responsabilidade e prestação de contas) está disponível para a igreja! Uma certa plenitude de tempo trará uma convergência de discernimento e cumprimento profético que abalará não só a terra, mas também os céus (Ag 2:6-7; Dn 12:4,8-9). Este é o momento do trabalho final da igreja que culmina com a expulsão de Satanás por Miguel. Este evento nos céus dá início aos três anos e meio finais de grande perseguição que inaugura o reino de Deus (Ap 12:10; 11:15). É então que a libertação de Israel é realizada quando “o Senhor ruge de Sião” (Sl 14:7; 50:2; 110:2; Joel 3:16; Romanos 11:26 com Dan 12:1-2).

[Este é simplesmente, e inequivocamente, o ponto do retorno de Cristo, “logo depois da tribulação daqueles dias” (Mt 24:29-31), “ao som da última trombeta” (1Co 15:52) para destruir o homem do pecado (2Tes 2:8). É o Dia do Senhor; e nada é mais abundantemente revelado nas Escrituras do que o tempo da libertação final e eterna de Israel. O Dia do Senhor marca o início do reinado milenar de Cristo. “Daquele dia em diante” (Ezequiel 39:22), ou “naquele dia”, é o ponto após o qual Israel se deitará em segurança e ninguém os deixará com medo “nunca mais” “para sempre” no cumprimento final da aliança. As

condições descritas como procedentes deste ponto são inequivocamente aquelas do reinado milenar de Cristo, o objetivo da aliança.]

Uma dispensação é uma administração de responsabilidade que implica uma confiança e seu requisito correspondente. No entanto, não é tanto que o requisito seja novo, mas que o tempo de cumprimento e revelação tenha chegado. Isto não é para sugerir uma ‘nova’ revelação, mas sim um aprofundamento da compreensão e apreensão daquilo que já está “notado na Escritura da verdade” (Dn 10:21). Na verdade, é revelação de revelação e não inclui nada que não seja verificável nos escritos proféticos (compare Atos 26:22; Romanos 16:25-26; 1Pedro 1:10-12). ((Os sectários de Qumran, o povo dos Manuscritos do Mar Morto, também acreditavam que os escritos proféticos do Antigo Testamento ocultavam segredos apocalípticos que seriam revelados ao remanescente justo dos últimos dias. Tal ‘revelação’ torna-se interpretação oficial apenas até agora pois concorda manifestamente com o que está pelo menos implícito no texto escrito do Antigo Testamento. Esta perspectiva deriva manifestamente da preocupação da comunidade com os livros de Daniel, Habacuque e o conceito do “segredo do Senhor” em Amós 3:7.)) Deveria ser bem sabido que a Escritura promete maior compreensão da visão selada de Daniel no final (Dn 12:4, 8-9). A hora do cumprimento traz uma dispensação especial de exigência e urgência que exige decisão. Portanto, nada pode permanecer igual.

Como a questão de Israel incorpora tão completamente as grandes questões da soberania de Deus na aliança, na eleição e na graça, ela também se torna uma expressão dos últimos dias da mesma ofensa inerente ao evangelho. Suspeitamos desde o início que a questão de Israel não apenas peneirá e testará as nações, mas também a igreja até os seus próprios fundamentos. Assim como a crise de Israel irá refinar a igreja e compeli-la a uma estatura final de maturidade que, por sua vez, levará os ramos naturais ao ciúme (Romanos 11:11), da mesma forma a mesma crise provará ser um mecanismo de peneiramento para expor e separar o remanescente da fé da devastação da “grande apostasia”.

O mistério que constituiu Jesus como uma “pedra de tropeço” para Israel do primeiro século terá ainda um cumprimento adicional como a “rocha de ofensa” escatológica que confrontará novamente Israel (ver Is 28) e uma cristandade humanista que também tropeçará por causa do mesmo mistério. ((Falamos da ‘centralidade de Israel’ apenas na medida em que a revelação do mistério que diz respeito a Israel revela e preserva, como nada mais, a centralidade da cruz como mais do que um único evento histórico. A cruz representa o padrão divino que permeia toda a história da redenção. “Não deveria Cristo ter sofrido essas coisas e entrar em sua glória?” É o padrão observado no ‘caminho’ de humilhação, aflição e morte do Senhor antes da ressurreição, exaltação e glória conforme exibido nas vidas de Jó, Abraão, José, Davi, um motivo evidente ao

longo de toda a história da redenção, e particularmente refletido na escatologia de Israel.) Tal tropeço por parte da igreja professa revela uma cegueira especial, uma vez que o mistério é agora um segredo potencialmente aberto em contraste com seu status pré-pentecostal como o mistério escondido em outras épocas (Ef 3:5; Rm 11:25; Co 1:26). Ainda assim, permanece escondido dos ímpios (Mt 11:25; Dn 12:10). Deus não tornou isso fácil! Ele certamente não tornou isso natural. Ele continua a esconder “estas coisas” dos sábios e prudentes. Nada é tão explicado que deixe de peneirar e testar o coração. É o mesmo mistério, a mesma rocha de ofensa, que os vigias nos muros de Jerusalém declaram (com rejeição inicial) à liderança apóstata de Jerusalém que está enfrentando o início iminente da angústia de Jacó (compare Is 28 e Apocalipse 11).

A crise de Israel irá investigar e expor a presunção de humanismo tanto em Israel como na Igreja como nada desde o julgamento que caiu sobre Israel do século I na forma do “segredo messiânico”. Somos obrigados a declarar a nossa garantia inequívoca de que o mistério de Israel deve revelar-se uma pedra crítica de tropeço para a igreja e o mundo apóstatas dos últimos dias, precisamente porque Israel foi designado para incorporar na sua humilhação e ofensa os grandes princípios da cruz e do soberania do Deus que elege.

Deus lida com mistério porque Ele lida com julgamento. Para aqueles que entendem, é a misericórdia e o milagre da revelação, “que Deus ordenou antes do mundo para nossa glória” (1Co 2:7), mas para os autossuficientes, está escondido para julgamento (Jo 12:40; Romanos 11:7).

“O Deus de Israel, que salva o seu povo, é um Deus que se esconde” (Is 45:15).

É sempre “preceito sobre preceito; linha sobre linha; aqui um pouco e ali um pouco; para que vão, e caiam para trás, e sejam quebrantados, e enlaçados, e presos” (Is 28:13). É Deus que tanto se esconde quanto Deus que se revela.

Naquele tempo, Jesus respondeu e disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Mesmo assim, Pai: porque assim pareceu bem aos teus olhos. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar. (Mateus 11:25-27)

Para ilustrar o nosso significado a respeito de uma nova dispensação (mordomia) que é especialmente necessária em um determinado momento (grego = ho kairos; ‘tempo determinado’ Mc 1:15; Ez 7:12; Dn 12:4, 9; cf. Ef 1:10), deveríamos considerar a condição espiritual de Israel antes do primeiro advento de Cristo. O véu da piedade religiosa e da aparente devoção mascarou a verdadeira extensão da apostasia da nação e da infidelidade da aliança. Aqueles que estavam seguros de sua “própria justiça” por meio da lei esperavam compor o remanescente justo no Dia do Senhor. Considerava-se que

apenas os “pecadores” tinham motivos para temer o Dia do Senhor. Mas Paulo sugere que antes de Israel tropeçar no mistério corporificado na pessoa de Jesus, a nação já havia tropeçado na sua presunção de que a justiça da lei poderia ser alcançada humanamente sem a regeneração do Espírito, “como se fosse pelas obras”. (Romanos 9:32). ((É lamentável a teologia que imagina que o novo nascimento seja estritamente um fenômeno do Novo Testamento. Jesus se apropria da linguagem de Isaías e da profecia de Ezequiel sobre o novo nascimento escatológico de Israel -Is 66:8; Ez 36:25-27 -, e repreende Nicodemos por ser um professor em Israel e não ter aplicado este princípio ao indivíduo. A linguagem do novo nascimento aplicada ao indivíduo pode ser original de Jesus, mas o conceito de renovação espiritual é difundido em todo o Antigo Testamento. A regeneração do Espírito é essencial em qualquer dispensação, porque “o homem natural não pode receber as coisas do Espírito” -1Co 2:14-. Desde o princípio Deus “não é o Deus dos mortos, mas o Deus dos vivos” -Marcos 12:27 -. Seja Abraão ou Nicodemos, seja nação ou indivíduo, sem a vivificação do Espírito e o recebimento de uma nova natureza, alguém está tão morto no pecado quanto o desamparado Israel na visão de Ezequiel dos ossos secos -Ezequiel 37 com Efésios 2:1-. Ao longo do Antigo Testamento são usados vários termos que indicam a regeneração do remanescente da fé: a lei no coração, a circuncisão do coração, um coração limpo ou perfeito, e assim por diante. Os profetas certamente não eram estranhos à lei escrita no coração, ou à permanência do Espírito – Sl 37:1; 40:8; Is 51:7; 1Pe 1:11-, mas eles reconheceram que a aliança nunca é cumprida por um mero remanescente, mas antecipa uma nação completamente regenerada que pode manter a aliança para sempre, e assim herdar a terra eternamente -compare Jr 31:34; Is 59:20-21; Romanos 11:26-27-. Este evento de regeneração nacional ocorre no grande Dia do Senhor -ver Ezequiel 39:22-29-.))

O Israel religioso tropeçou, não em primeiro lugar por causa do mistério que cercava Jesus, mas por causa de um humanismo inerente refletido na abordagem da nação à lei (Romanos 9:31-10:3). Através de Jesus, a controvérsia divina com a nação atingiu a crise final, mas através do mistério, a verdade é divinamente guardada dos “sábios e prudentes”. Com o anúncio de Jesus da iminência do reino (Mc 1,15; algumas passagens apresentam o reino como presente; ver Mt 11,12; 12,28,34; 23,13; Lc 17,21), o ‘kairos’ havia atingido (a hora da crise da decisão). E com a nova iniciativa divina vem também um novo padrão de exigência, teste ou mordomia, portanto, uma nova dispensação.

Antes do novo ato de Deus nas obras e palavras de Jesus, alguém poderia se orgulhar de sua expectativa da vinda do Messias e ser considerado piedoso. Mas por causa da nova revelação (Mt 16:17), há uma nova dispensação (“sobre esta pedra edificarei a minha igreja”) e, portanto, um novo critério para distinguir o remanescente, o verdadeiro Israel escatológico de Deus (Rm 9:6; Gl 6:16).

Continuar agora a procurar o Messias torna-se uma rejeição condenatória do testemunho divino. Chegou um novo marco de divisão e nada poderá ser igual. Isto é o que significa a chegada de uma nova dispensação.

É importante compreender a rejeição de Jesus por parte de Israel no primeiro século, pois revela o ponto de discórdia divina que continua a cegar Israel. Paulo insiste que a justiça nunca deveria ser buscada “como se fosse” (Rm 9:32) uma obra da lei. Sempre foi pela fé, sempre “pelo meu Espírito diz o Senhor”. Mesmo antes de Jesus, o “zelo de Deus” de Israel “não era segundo o conhecimento” (Rm 10:2-3), porque presumia que a justificação poderia ser conquistada por uma obediência que é possível ao homem (Mt 19:26). Isto é o que distingue tão radicalmente o arrependimento bíblico e cristão do judaísmo, do islamismo, etc. O arrependimento bíblico é transcendentemente mais do que a reforma; é um milagre da graça divina, um evento de revelação/ressurreição de regeneração espiritual que vem apenas para aqueles que se desesperam de sua própria capacidade. É um dom divino de iniciativa soberana, “se Deus porventura quiser” (2 Timóteo 2:25). Ela vem por meio de uma revelação vivificante e convincente do Espírito (Jo 14:7; 16:8; Zacarias 12:10).

Assim, a rejeição de Jesus por parte da nação não residia apenas na sua ignorância do segredo divinamente guardado (Mc 9:9; sobre isto, os discípulos também eram ignorantes até o tempo designado da revelação; ver Lc 18:34). Mas antes, a razão para a rejeição de Jesus residia na inimizade natural da nação para com Deus (Jo 15:24). Jesus não causou esta inimizade; Ele despertou e expôs uma condição que já existia. Através das Suas palavras e obras, o manto que escondia a extensão da apostasia de Israel é removido (Jo 15:24). Essa é a natureza de uma nova dispensação. É essencialmente um período de teste divino calculado para expor e manifestar.

Apesar do caráter misterioso e inesperado da Sua missão, Jesus não é menos reconhecido como o Filho de Deus por Natanael, que era “um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!” (Jo 1:47) Conhecer e amar o Pai era conhecer e amar o Filho (Jo 8:19, 42). Este é o relato do próprio Senhor sobre o motivo de Sua rejeição pela nação. Israel perdeu a hora da sua visitação porque a nação estava em sua maior parte destituída do verdadeiro conhecimento de Deus, e assim é hoje (ver Romanos 10:2-3). “Se me conhecesseis, também conheceríeis a meu Pai” (Jo 8,19). Isto é, se Israel conhecesse o Pai, teria reconhecido a Sua imagem perfeita no Filho (Jo 14:9). “Aquele que é de Deus ouve as palavras de Deus; portanto vós não as ouvis, porque não sois de Deus” (João 8:47). Mas, a fim de expor a verdadeira causa da rejeição do Messias (ódio a Deus), Deus deliberadamente escondeu Sua intenção secreta até depois que a nação tivesse cumprido seu próprio julgamento e as Escrituras ao cometer deicídio (Zc 12:10; At 2:23, 36; 7:52; 13:17; 1Co 2:8). Esta é a revelação devastadora que ocorreu a Paulo quando ele encontrou o sangue do Messias e dos mártires em suas

próprias mãos. Esta é a resposta de Deus à perfeição humana. Paulo era incomparável em zelo e justiça, mas tudo o que está no poder da primeira criação deve enfrentar a rejeição divina (Romanos 10:2-3).

Ao longo dos profetas, a infidelidade da aliança é retratada em termos de adultério, obstinação e falta de fé, todos sintomáticos de uma presunção poderosamente arraigada de auto-suficiência humana, mas o humanismo da auto-suficiência encontrou o seu último esconderijo na sutileza das obras religiosas. Portanto, em julgamento, Deus visita o orgulho religioso de Israel por meio do mistério encarnado em Jesus. Foi a sabedoria deste mistério que selou o julgamento da nação na sua rejeição do Messias (cf. Atos 3:17; 1Cor 2:8; Rm 11:11, 15). ((Ironicamente, o mesmo mistério que sela o julgamento da nação também compra a salvação não apenas para Israel, mas também para o remanescente dos gentios -Atos 15:14, 17; Efésios 3:6, 8-. O mesmo mistério também derrota os poderes. Podemos entender então por que Paulo exclama tão extaticamente “as riquezas da glória deste mistério” -Co 1:27-. A maravilha deste mistério brilha especialmente através da tradução desta passagem feita por FF Bruce: “a glória deste mistério entre os Gentios, que é Cristo em vós, mesmo em vós, gentios!” Esta é a anomalia maravilhosa da história redentora! Ou seja, que o Messias de Israel deveria ser “feito um espírito vivificador” - 1Co 15:45-, e que somente através da fé, à parte da lei, o Messias deveria habitar nos gentios através do prometido Espírito Santo que Ele é. “Agora o Senhor é esse Espírito” -2Co 3:17-.)

E assim será no final desta era. É, por assim dizer, a segunda etapa do mesmo mistério que peneirou Israel com base no que estava oculto no primeiro advento de Cristo e que mais uma vez peneirá não só Israel, mas também a igreja professa nas nações. No entanto, é extremamente irônico que desta vez sejam particularmente aqueles eventos que eram bem conhecidos e geralmente cridos por Israel do primeiro século que estão agora completamente escondidos e imprevistos pelo mundo e pela maior parte da igreja de hoje (Dn 12:10).

“Vede, ó zombadores, admirai-vos e desaparecei; porque em vossos dias realizarei uma obra, obra na qual jamais creríeis se alguém vos contasse.” (Atos 13:41)

“Vede entre as nações, e olhai, e maravilhai-vos, e admirai-vos; porque realizo, em vossos dias, uma obra, que vós não creereis, quando vos for contada.” (Hab 1:5)

Observe aqui o uso de Habacuque por Paulo em combinação com Is 29:14. Através do fenômeno do “escurecimento” profético, o profeta vê, contra o pano de fundo da invasão iminente dos cruéis caldeus, e através da imagem do rei da Babilônia, o sofrimento final de Israel sob o anticristo (Hab 2:2-4), e a salvação escatológica que se segue à sua destruição (Hab 3:3-13). A visão de Habacuque (Hb 2:2) incorpora muito da mesma linguagem que a de Daniel (Dn 12:4). Paulo aplica assim a visão escatológica que testará e confundirá todas as nações (ver

também Is 29:14) à atual crise de decisão que o mistério de Cristo constitui para o Israel do primeiro século. O padrão do mistério como pedra de ofensa aplica-se igualmente às condições que rodearam ambos os adventos do Messias. A rocha da ofensa exigirá mais uma vez de todas as nações uma resposta fatídica, como implica a apropriação da visão de Habacuque por Paulo no primeiro século.

Ó zombadores, que dominais este povo que está em Jerusalém, ouvi a palavra do Senhor. Pois dizeis: Fizemos uma aliança com a morte e um acordo com a sepultura; quando a calamidade destruidora vier, não nos atingirá, pois fizemos da mentira o nosso refúgio e nos escondemos sob a falsidade. Portanto, assim diz o Senhor Deus: Ponho em Sião uma pedra como alicerce, pedra aprovada, pedra angular preciosa, de firme fundamento; aquele que crer nunca será abalado. E farei do juízo a linha de medir e da justiça, o prumo; e a saraiva varrerá o refúgio da mentira, e as águas inundarão o esconderijo. (Is 28:14-17).

Porque o Senhor derramou sobre vós um espírito de sono profundo e fechou os vossos olhos, que são os profetas; e cobriu a vossa cabeça, que são os videntes. Para vós, toda visão se tornou como as palavras de um livro selado que se dá ao que sabe ler, dizendo: Lê isto; e ele responde: Não posso, porque está selado. Ou, dá-se o livro ao que não sabe ler, dizendo: Lê isto; e ele responde: Não sei ler. Por isso o Senhor disse: Este povo se aproxima de mim e me honra com os lábios e com a boca, mas o coração deles está longe de mim; o seu temor para comigo consiste em mandamentos de homens, aprendidos de forma mecânica.

Portanto, continuarei a fazer uma obra maravilhosa com este povo, uma obra mais que maravilhosa; a sabedoria dos seus sábios cessará, e a perícia dos seus peritos se esconderá. (...) Não é verdade que dentro de muito pouco tempo o Líbano será transformado em campo fértil, e o campo fértil será considerado um bosque? Naquele dia, os surdos ouvirão as palavras do livro, e os olhos dos cegos verão no meio da escuridão e das trevas. Os humildes terão alegria cada vez maior no Senhor, e os pobres dentre os homens se alegrarão no Santo de Israel. Porque o opressor é reduzido a nada, e o zombador já não existe, e todos os que se entregam ao mal serão eliminados... (Is 29:10-20)

Estamos muito despreparados para esta “estranha obra” de providência e profecia que desceu tão gradualmente sobre o mundo da última geração. Mas o que se desenvolveu lentamente ao longo do último meio século irá em breve irromper com toda a rapidez da fúria apocalíptica (Ez 38:8,11,14; Mt 24:15-21; Dn 12:1; 1Ts 5:3). É uma pedra de teste estranha – esta “obra estranha... determinada sobre toda a terra” (Is 28:21) – a “controvérsia de Sião” destes últimos dias (Is 34:8; Zacarias 12:2-3), mas é intencionada como nenhuma outra coisa desde a era apostólica para testar, julgar e revelar. ((Esta declaração, é claro, assume o contexto completo do mistério, incluindo a encarnação, a expiação e o retorno glorioso compreendidos nos dois adventos do Messias.))

Questões que antes pareciam pouco relevantes para a nossa peregrinação espiritual pessoal, e que talvez fossem relegadas à discussão teológica abstrata, em breve desafiarão profundamente a Igreja. Por exemplo, de pouca consequência aparente para a vida prática da igreja é o debate que assola entre os evangélicos entre os extremos polares da chamada substituição, ou teologia da aliança, e o sistema de interpretação profética chamado dispensacionalismo pré-tribulacional. ((A teologia da aliança, embora não deva ser identificada particularmente com sua abordagem da profecia, tradicionalmente tem interpretado as escrituras proféticas para serem aplicadas à igreja por uma espécie de metamorfose espiritualizada. Citando o exemplo do Novo Testamento, as profecias de um futuro glorioso para os descendentes naturais de Isaque e Jacó agora encontram seu cumprimento final na semente espiritual de Abraão. O dispensacionalismo, por outro lado, orgulha-se da única abordagem “consistentemente” literal da profecia e, portanto, defende uma “dicotomia” estrita entre a igreja e Israel, exigindo a reconhecimento de dois povos distintos de Deus, cada um com uma herança e um destino distintos.)) Mesmo agora há um debate obscuro, mas criticamente relevante, sobre a questão de “quem é o povo de Deus?” Existem dois “povos” de Deus separados? Qual é o status da aliança do judeu incrédulo? Será que a terra pertence aos Judeus apesar do seu secularismo nacional e humanismo religioso? Qual é a base da reivindicação de Israel sobre a terra, e qual é a base da apropriação judaica desta reivindicação? Qual é a legitimidade das reivindicações feitas por outros povos nativos à terra? O antigo “problema judaico” assumiu um novo centro na incômoda questão da terra. Como se desenrolará esta questão e o que significará para a igreja, para os judeus, para as nações?

Israel irá revelar-se cada vez mais um problema internacional que irá exasperar a paciência e, eventualmente, provocar o desprezo de todas as nações. De acordo com a compreensão da igreja, a natureza da sua própria salvação será a sua capacidade de resistir ao engano que deve acompanhar ‘a controvérsia de Sião’. Talvez o maior desafio que a igreja deve enfrentar seja o seu próprio humanismo, tal como é testado e exposto aqui mesmo no ponto “este mistério” (Romanos 11:25). Qual deveria ser a atitude da igreja em relação aos “ramos naturais”, especialmente enquanto eles ainda estão na sua “naturalidade”? É irônico que “este mistério”, e a advertência de Paulo a respeito dele, venha a desempenhar um papel tão crucial no teste final que irá peneirar tanto a igreja como as nações.

À medida que os Judeus são cada vez mais perturbados pelo espectro do crescente anti-semitismo, a Igreja terá oportunidade de apresentar a chave profética de interpretação que explica não só o atual dilema de Israel, mas toda a extensão da história judaica à luz da aliança. A crescente situação internacional de Israel constitui um aguilhão divinamente preparado, calculado

para forçar os judeus de todo o mundo a considerar a sua identidade e situação (tanto agora como ao longo da história) em categorias bíblicas de aliança e profecia. Mas é particularmente a aliança (conforme aplicada e atestada pela profecia) que é o cerne da controvérsia e do apelo divino em relação a Israel.

Quando estiverdes em angústia, e todas essas coisas acontecerem, então voltareis para o Senhor, vosso Deus, e ouvireis sua voz, nos dias futuros (Dt 4:30); ... O furor da ira do Senhor não retrocederá, até que ele tenha executado e cumprido os propósitos do seu coração. Em tempos vindouros entenderéis isso. (Jr 30:24)

Mesmo quando o testemunho profético é inicialmente rejeitado, como indica Isaías 28, o maior testemunho para Israel será o cumprimento dos eventos que ocorrerão durante a grande tribulação. O testemunho da igreja, particularmente durante os três anos e meio de falsa “paz e segurança”, será poderosamente confirmado quando os acontecimentos entrarem em concordância precisa com o testemunho anterior da igreja.

O último dia de fuga dos judeus diante da face do Anticristo, que começa com a destruição dos lugares sagrados judaicos apenas “recentemente” retomados (Is 63:18; 64:11 com Dan 8:11-13; 9:26-27 ; 11:31; 12:11; e Mt 24:15 com 2 Tes 2:4) ((Observe em Is 63:18 que os lugares santos só recentemente foram restaurados à posse judaica quando repentinamente foram despojados para o desastre final de destruição e expulsão. Jesus confirma que a tribulação final começa na “Judéia” com a profanação do “lugar santo” -Mt 24:15-21-. Uma comparação de Dan 8:11-14 com Dan 12:11 sugere que os sacrifícios são apenas recentemente reiniciados quando são detidos pelo Anticristo por sua violação da aliança no “meio da semana” - a 70ª semana de Daniel, os últimos sete anos. Além disso, uma comparação das passagens acima mostra conclusivamente que o “santuário, ”ou o “lugar santo” significa o Templo ‘literal’ que fica na Judéia ‘literal’, e é o local de um sacrifício ‘literal’ realizado por mãos judaicas incrédulas, como é evidente na violência da disciplina divina que esses símbolos marcam. como cronologicamente iminente.)) será um choque final e um golpe surpreendente para a confiança religiosa de Israel (Lv 26:19; Dt 32:36; com Dn 12:7). A súbita profanação e destruição dos lugares santos recentemente restaurados, e a subsequente dominação gentia da cidade santa (Ap 11:2) abalarão os judeus e o judaísmo até os seus alicerces, e prepararão o caminho para o testemunho de uma igreja profeticamente preparada que irá ser lançado com ‘Jacó’ no mesmo deserto de fuga e refúgio. É no deserto que Deus mais uma vez pleiteará com a nação e os cortejará para Si mesmo como no início. Os profetas dão amplo testemunho de um novo êxodo. Os estudiosos da Bíblia reconhecem isso, mas raramente estão dispostos a interpretar tal profecia literalmente. Mas é para um Jacó despojado do templo e da nacionalidade, e lançado novamente no deserto, fugindo do longo braço do Anticristo, que a igreja é enviada no testemunho profético final.

O deserto das nações será o cenário para o testemunho final e o apelo do Senhor para trazer Israel ao vínculo da aliança. A revelação do evangelho não atinge a nação como um todo, entretanto, até a conclusão da 70ª Semana de Daniel com o retorno de Cristo, que é também o Grande Dia do Deus Todo-Poderoso. Então a visão selada é aberta a toda a casa de Israel como: “eles olharão para ‘mim’ a quem traspassaram” (compare Is 8:14-17; Dn 9:24; 12:6-9; Zc 12: 10; Apocalipse 10:7). Mas é o testemunho profético da igreja que constitui a semente que prepara Israel para a revelação de Jesus como o Messias, da mesma forma que o testemunho martirizado de Estêvão transformou o zelo perseguidor de Paulo em “Duro é para ti chutar contra os agulhões.” (Atos 9:5 BKJ).

“Assim a casa de Israel saberá que eu sou o Senhor seu Deus, daquele dia em diante” (Ezequiel 39:22).

Uma “hora de tentação”, um “vale de decisão” está próximo, não apenas para o mundo, mas também para a igreja. Iremos sucumbir à tendência internacional de conhecer Israel “segundo a carne” numa altura em que a situação desesperada de Israel revela que ele está mais visivelmente na carne? Estamos dispostos a ‘Israel’, mas e a ‘Jacó’? Consideraremos Jacó como “amado por causa do pai” de acordo com o mistério da eleição e da graça, ou conheceremos o irritante Jacó como Jacó, o “suplantador”? Bem-aventurados aqueles que não se ofenderão com o que Israel deve tornar-se no seu caminho para a ressurreição e glória nacionais; porque é o mesmo caminho do Filho padrão, o caminho da humilhação, devastação e morte antecedente à ressurreição e exaltação (Is 53; Ez 37; Os 5:14-6:2; Lc 24:26; 1Pe 1: 11). ((É nossa convicção que Israel será obrigado a cumprir um trabalho de alma semelhante antes que a nação nasça em um dia -Is 66:8-. Zacarias mostra que algo indescritível irrompe sobre o remanescente sobrevivente na revelação do “eu” a quem traspassaram -Zc 12:10-. Esta revelação será ainda mais aguda em vista da experiência corporativa da nação de humilhação internacional -“odiada por todas as nações”- durante a “angústia de Jacó”. Naquele dia, Israel verá no espelho de seu próprio caminho de crucificação nacional, expulsão e rejeição internacional, o padrão do sacrifício supremo e voluntário de outro, o “Servo do Senhor” por excelência -Is 52:13 – 53:12-.)) Israel em sua condição estranha e desprezada se tornará uma rocha de ofensa dos últimos dias, que fará com que os sábios tropecem.

Vemos então como a questão de Israel revela a nossa própria percepção da natureza da graça na salvação. A questão do fim dos tempos é a questão por trás da escolha original de Deus por Israel, e de tudo o que isso significa em relação ao propósito divino na história. Portanto, antes de podermos voltar toda a nossa atenção para o testemunho da Igreja a Israel, cabe-nos estabelecer alguns fundamentos críticos de contexto e perspectiva que são essenciais para a própria sobrevivência da Igreja, a fim de ser uma fonte viável de testemunho para Israel. Na verdade, como podemos instruir os judeus nas grandes questões da aliança e da profecia se nós mesmos não tivermos compreendido e nos apropriado

dessas grandes verdades? O nosso testemunho não pode exceder em muito a nossa própria compreensão e apropriação pessoal. Mas se defendermos e também declararmos, devemos ser capazes de mostrar as provas. Daí nossa ênfase no contexto! Como a revelação e a profecia são inseparáveis da história, é extremamente importante saber algo sobre o pano de fundo, ou o “cenário de vida” dos atos reveladores de Deus, que são necessariamente interpretados no contexto da história. ((Os teólogos alemães têm um nome para este contexto histórico: “sitz em leben”, ou ‘cenário de vida’. Um primeiro princípio em toda interpretação profética é compreender a intenção do autor bíblico em seu próprio contexto, contra o pano de fundo de sua época e experiência, porque é através de tais contextos da história que os atos de Deus são revelados e interpretados pelo Espírito profético através da “Palavra que vem”. É através da interpretação do profeta que eventos especiais – selecionados e divinamente investidos – adquirem significado além de si mesmos como um padrão que aponta para uma plenitude escatológica a ser consumada no “Dia do Senhor”. Isto não é história geral, mas uma sucessão divina de eventos seletos que compõe a história sagrada da revelação divina. A história da salvação é, portanto, história eleita.))

Trabalhamos a questão do contexto e do exame cuidadoso do apoio bíblico para cada parte da nossa perspectiva, porque a igreja não pode estar unida num testemunho internacional corporativo que não seja claro ou incerto. A visão deve, portanto, ser “clarificada nas tábuas” (Hab 2:2) para que aqueles que leem “corram” (Dn 12:4), “não tão incertos” (1Co 9:26). A ousadia do Espírito em nosso testemunho só pode ser proporcional à segurança que vem àqueles que nada pouparam para “provar (testar, examinar cuidadosamente) todas as coisas” (1 Tessalonicenses 5:22), àqueles cujo ouvido o Senhor despertou (Is 50:4-5). Quando o entendimento da visão chegou a Daniel? “Desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a compreender e a disciplinar-te diante do teu Deus, as tuas palavras foram ouvidas” (Dn 10:12).

Este cuidado em provar todas as coisas e mostrar a plena causa da nossa segurança (1Pe 3:15) na “palavra segura da profecia” (2Pe 2:19), justifica o esforço que sentimos que deve ser feito para estabelecer a história e o contexto da aliança e seu significado profético para interpretar não apenas os eventos atuais, mas todo o alcance e objetivo da história.

O propósito principal da profecia é dar testemunho tanto da promessa quanto do castigo da aliança.

Seja na fé ou na incredulidade, seja na terra ou no exílio, o judeu continua sendo a única evidência contínua do milagre da profecia. É por isso que Israel é a testemunha escolhida por Deus para a Sua soberania divina na história. Os rastros de Deus na história podem ser traçados de acordo com a sorte do povo judeu, iluminado pela luz da profecia. Como pode a igreja usar a palavra “testemunha” em sua abordagem ao evangelismo enquanto ignora a Palavra de

Deus que declara “vocês... o ‘povo antigo’ são minhas testemunhas” (Is 43:10,12; 44:7-8) ?

A experiência da raça judaica ao longo da história torna-se, à luz da profecia, o apelo final de Deus, primeiro à nação que errou, e também um sinal para todas as nações. Mesmo durante o julgamento do exílio, o sinal profético de Israel torna-se uma pedra de teste do exame divino pela qual as nações são julgadas e repreendidas de acordo com a sua atitude para com o judeu errante no seu meio. Deus suplicará mais uma vez a todas as nações com base no testemunho que Ele deu. Não há outro que Ele tenha escolhido. Até mesmo o testemunho de Deus sobre Seu Filho, “a testemunha fiel” (Apocalipse 1:5) por excelência, está no “contexto” da história profética de Sua nação testemunha.

Foi Jesus quem disse: “A salvação vem dos judeus” (Jo 4,22). E é Paulo quem diz que a aliança estabelecida com os descendentes de Abraão, particularmente através de Isaque e Jacó, é a raiz que sustenta toda a salvação (Romanos 11:18). Portanto, “não se vanglorie!” A aliança é o “pão dos filhos” (Mt 15:26). Antes de ser para as nações, é “primeiro para os judeus” (Romanos 1:16; Atos 13:46). “Não andeis pelo caminho dos gentios, e não entreis em nenhuma cidade dos samaritanos...” (Mateus 10:5).

O caráter e propósito únicos da profecia hebraica reside na sua função distinta de traçar, interpretar e predizer a história da aliança. Ignorar a centralidade de Israel e da aliança é pregar Cristo fora do contexto. “O testemunho de Jesus é o espírito de profecia” (Ap 19:10). Paulo mostra que o próprio evangelho é “**segundo** a revelação do mistério, que foi mantido em segredo desde o princípio do mundo” (Romanos 16:25). E este mistério é revelado no contexto da aliança de Deus com Israel, “através da sua queda” (Romanos 11:11). A tensão criada entre as características condicionais e incondicionais dentro da aliança aponta para o próprio evangelho como um mistério escatológico “dado a conhecer pelas Escrituras dos profetas” (16:26; 1Pe 1:10-12). Portanto, pregar Cristo fora do contexto histórico da aliança e da revelação do mistério escondido em outras épocas é separar a joia de seu engaste e, assim, diminuir o brilho de sua glória.

A “vingança da minha aliança” (Lv 26:25) é a única base contínua da advertência e apelo dos profetas a Israel. Ficar aquém da bênção da aliança é ser vítima de sua maldição (Dt 28-32; Lv 26). No entanto, “os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis” (Romanos 11:29). Portanto, independentemente da duração da era do castigo duradouro de Israel (Deuteronômio 28:59; Ezequiel 38:8; Oséias 3:4-5; Miquéias 5:3), a nação **nunca** é “totalmente rejeitada” (Lv 26:44; Amós 9:6; Jr 33:26; Rm 11:2 com Ez 20:37).

O **benefício** da aliança pode ser temporariamente suspenso através da desobediência, mas o seu cumprimento final é assegurado com base na promessa divina de que a impiedade será finalmente “rejeitada” (Is 59:20-21; Jr 31:34; Rm 11: 26-27) através de um ato apocalíptico consumado de intervenção divina no Dia do Senhor (Ez 39:22). Israel permanece sob a maldição da aliança quebrada até que os olhos cegos sejam abertos para o evangelho (Dn 9:24; Zacarias 12:10) e a Nova Aliança espalha sua graça regeneradora (Ezequiel 36:25) sobre o remanescente sobrevivente (Is 4:2) que se torna a nova nação nascida em um dia (Is 66:8; Zacarias 3:9; Ro. 11:26).

Os profetas desesperam-se com a capacidade da nação de cumprir a aliança sem a intervenção divina especial do Dia do Senhor. Mas no “tempo determinado” (Sl 102:13; Dan 11:29, 35), através do dom divino da regeneração sobrenatural (ressurreição espiritual) contemplado na Nova Aliança, Deus agirá decisivamente, e “imediatamente” (Isa. 66:8) para “tirar os seus pecados” (Romanos 11:27). Assim, cabe à igreja, como voz profética de Deus, dar testemunho fiel do significado atual da aliança para Israel. É por isso que devemos ser estudantes atentos da aliança, dos seus fundamentos e da sua história desde a antiguidade até ao seu cumprimento final na “salvação de todo o Israel” (Rm 11:26-27; Jr 31:34).

O segundo grande mandato da igreja é a sua administração distintiva dos mistérios de Deus. Pertence ao mistério do evangelho mostrar como a aliança é ratificada no sangue de Jesus, e que pelo Seu cumprimento de toda a justiça, a Nova Aliança pode ser estabelecida, não apenas com o remanescente penitente de Israel no Dia do Senhor, mas agora, na antecipação inesperada do Dia do Senhor, com “todos aqueles que quiserem” de todas as nações. ((Quem poderia ter concebido que após o advento oculto do Messias, Israel tropeçaria e então entraria em sua mais longa noite de exílio -cf Dt 28:29, “para sempre” 28:59 “longa continuação”; também 32:20-21, 26 com Ezequiel 39:21-29, rosto escondido enquanto provocado por uma ‘nação tola’, ou seja, gentios/igreja; veja também Oséias 3:4-5; 5:14-6:3 com Miquéias 5:3-, como um completamente inesperado “a porta da fé está aberta aos gentios” (Atos 14:27) ‘através’ da revelação do mistério do evangelho -Ef 3:5; 6:19; Romanos 16:25-26-. “mistério escondido em outras eras e gerações” -1Co 2:7; Ef 3:5; Colossenses 1:26 - que realiza ao mesmo tempo o julgamento daqueles que tropeçam, e a revelação salvadora do evangelho para aqueles cujos corações e olhos o O Senhor tem o prazer de abrir -Mt 16:17; Atos 16:14; 1Co 2:10-.)) No entanto, antes que possamos progredir compartilhando a glória deste evangelho misterioso com os irmãos do Senhor, nunca devemos esquecer a ordem divina. É primeiro “a lei veio por meio de Moisés” antes de ser, mas “a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”. Antes que o mensageiro da Nova Aliança apareça a Israel, o precursor é enviado para preparar o caminho (Ml 3:1). Da mesma forma, a lei prepara o caminho para o evangelho. A aliança, suas

promessas e o padrão de justiça contido na lei são a base contínua de apelo de Deus a Israel e às nações.” ((É bom lembrar, no entanto, que não era nem aparente nem explícito no Antigo Testamento (embora de fato predito) que o Messias seria para o pecador o cumprimento da lei, que o Filho encarnado realizaria a expiação e seria o mediador do Espírito Santo prometido, descobertas que pertencem ao mistério intimado e intensificado ao longo do ministério de Jesus, e que começaram a ser desvendadas pelo Espírito que veio em poder de revelação no Pentecostes - Mc 9,9; Jo 16,12- 13, 25; 1Pe 1:12-..))

“Você privou o evangelho de seu auxiliar mais capaz quando deixou de lado a lei. Você tirou dela o professor que deve levar os homens a Cristo. Não, deve permanecer, e permanecer em todos os seus terrores, para afastar os homens da justiça própria e forçá-los a voar para Cristo. Eles nunca aceitarão a graça até que tremam diante de uma lei justa e santa; portanto, a lei serve a um propósito extremamente necessário e abençoado e não deve ser removida de seu lugar”.
Sermão “A Perpetuidade da Lei” de Charles Spurgeon

Mostraremos a seguir que todos os segredos escatológicos do Novo Testamento são uma revelação da resposta de Deus à “crise da aliança”. Com isto entende-se a tensão, ou dilema que é criado entre as promessas incondicionais das alianças Abraâmica e Davídica, e os requisitos condicionais da aliança do Sinai. Como pode uma aliança incondicional ser estabelecida e cumprida incondicionalmente enquanto permanece em constante perigo devido à fraqueza humana? (Ro 8:3; He 7:18) Como pode ser estabelecido um pacto eterno se o seu cumprimento depende da fidelidade humana? Este é o dilema da aliança. É este dilema que aponta para a necessidade da “nova aliança” de Jeremias.

Deve-se lembrar, porém, que antes da profecia de Jeremias sobre um ‘novo pacto’, não havia distinção entre o pacto abraâmico e o sinaítico. O Sinai não era visto como uma aliança diferente, mas como uma extensão e confirmação das alianças de promessa anteriores, acrescentando apenas os requisitos condicionais que qualificam e definem os termos da herança. Somente a revelação posterior distinguiria claramente entre as alianças. Contudo, tal distinção não revoga, mas cumpre os requisitos e condições por uma iniciativa divina graciosa e sobrenatural prometida na profecia, mas revelada no evangelho.

Mais uma vez, reiteramos, nem Moisés nem os profetas estavam otimistas quanto à capacidade de Israel cumprir a justiça que a lei exigia como necessária para herdar a terra. Fora de um “dia” escatológico de intervenção divina especial, tal obediência é impossível, porque “para o homem isto (a salvação) é impossível”. Mas “no dia do poder de Yahweh, o povo estará disposto” (Sl 110:3). Portanto, até que uma intervenção especial “afaste de Jacó a impiedade”, não poderá haver herança permanente da terra e, portanto, nenhum cumprimento final da aliança.

Mesmo quando Deus estabelece a aliança do Sinai, e antes da entrada da nação na terra, Moisés expressa seu desespero em relação à nação,

“Contudo o Senhor não vos deu coração para ver, e olhos para ver, e ouvidos para ouvir, até hoje” (Dt 29:4)

Por causa da falta de vida espiritual nacional de Israel (desde o seu início), Moisés olha além de um futuro agourento de fracasso da aliança e severidade de julgamento em direção a uma intervenção escatológica de misericórdia soberana quando “o Senhor vosso Deus circuncidará os vossos corações, e os corações dos vossos descendentes, para que você o ame de todo o seu coração e de toda a sua alma, e viva” (Dt 30:6). Tal intervenção divina escatológica é essencial para superar a incapacidade natural da nação de manter a aliança de forma viva e, assim, herdar a terra para sempre. Assim, antes da entrada inicial de Israel na terra da promessa, já existe uma clara antecipação profética da nova aliança de Jeremias como o único remédio para uma nação que permanece tão espiritualmente incapacitada como os “ossos secos” de Ezequiel. Seja no caso de uma nação ou de um indivíduo, a regeneração, o novo nascimento, é um evento de ressurreição. Nada que possa acontecer na vida de um crente pode ser mais milagroso do que o momento de uma salvação que é totalmente “impossível para o homem”.

Nas unidades seguintes abordaremos com mais detalhes o conteúdo específico do testemunho final que está destinado a despertar os judeus para a sua identidade actual. Também desenvolveremos mais detalhadamente o efeito transfigurador que a série final de acontecimentos terá sobre a igreja. Mas antes disto, queremos primeiro regressar (tão brevemente quanto possível) à prioridade crítica do contexto da qual dependem todas as outras considerações.

O contexto é decisivo! E, no entanto, apesar de todo o seu valor prático como grelha de interpretação e salvaguarda contra erros, é o ‘tédio’ de estabelecer os antecedentes e o contexto de um assunto que é perigosamente negligenciado, como a história da interpretação tem demonstrado. O pano de fundo e o contexto são fundamentos essenciais da compreensão e um teste indispensável para qualquer afirmação de verdade.

Neste grande interesse, é essencial identificar e compreender a inter-relação entre duas ideias proeminentes e intimamente relacionadas que juntas formam a estrutura actual e apocalíptica do Novo Testamento. Estes são: 1) a aliança (no que se refere a Israel e à igreja), e 2) “o mistério escondido em outras eras”. A forma como entendemos estes dois conceitos centrais determinará grandemente a nossa visão e atitude em relação a Israel e ao futuro papel da igreja. Começamos primeiro com uma breve visão geral da história e do progresso da aliança.

7.A Chave do Mistério no Reino da Graça

Na sua majestosa análise da história da salvação registada nos capítulos nove a onze de Romanos, Paulo mostra que Deus escolheu demonstrar a soberania da graça através de uma profunda interação de julgamento e misericórdia entre Israel e as nações. É a resolução escatológica deste paradoxo da história que é calculada para abundar na mais alta revelação e louvor da glória divina. Tão grande é o espetáculo da glória divina apresentado na revelação deste mistério, que quando Paulo chega ao final de sua magnífica revisão, ele irrompe no que é talvez o hino de louvor mais arrebatador que pode ser encontrado em todas as Escrituras (Ro 11:33-36).

É muito significativo que Paulo veja no mistério da queda de Israel e da redenção final uma chave para todo o alcance da sabedoria redentora. E, portanto, se o fim deste “mistério” é nada menos que “glória para sempre”, o zelo de Paulo para que a igreja em Roma não continuasse na ignorância do seu conteúdo sublime é melhor compreendido. Se este mistério é de fato o meio e contexto divinamente escolhido pelo qual a glória de uma sabedoria e conhecimento imponderáveis é manifestada, então como explicaremos a indiferença que a igreja tem mostrado em relação a este tema, tanto agora como através dos tempos? Tal ignorância voluntária não significa apenas perder a glória investida no mistério, mas também ser lamentavelmente intocado pelo *pathos* do sacrifício divino e do sofrimento necessário para sua demonstração na história.

A profecia de Oséias sobre a rejeição da aliança de “Loammi (não meu povo)” ilustra um padrão consistentemente observado no método da graça.* “E acontecerá que no lugar onde lhes foi dito: Vós não sois meu povo, ali lhes será dito: Vós sois filhos do Deus vivo”. Mas por que “lá?” a saber, “no lugar onde foi dito?”

É precipitado assumir que o uso que Paulo faz da profecia de Oséias no contexto do capítulo nove de Romanos deva ser tomado como uma “reinterpretação” do seu contexto e significado originais. Nada na aplicação desta profecia por Paulo à anomalia da incorporação dos gentios na aliança pode ser tomado como apoio para a visão de que as promessas nacionais de Israel são agora canceladas e transferidas para a igreja, uma posição conhecida ultimamente como “teologia da substituição”. Em vez disso, Paulo vê na profecia de Oséias um padrão profundo de tratamento divino que é adequadamente aplicado aos gentios que, em analogia com Israel, passaram de um status de ‘não meu povo’ para se tornarem,

através da eleição da graça, ‘os filhos de o Deus vivo’. Tal princípio, embora apropriadamente intercambiável na sua aplicação, não altera de forma alguma a esperança milenar de Israel. Longe de “reinterpretar” ou “espiritualizar” o contexto original de Oséias de uma forma que anule as promessas de Deus a Israel, Paulo aponta, em comparação, para a prerrogativa soberana que é capaz de transformar um “povo não meu” em herdeiros da aliança. A reversão que os gentios experimentaram ultimamente como um antigo “não meu povo” está em paralelo glorioso com o que Israel conhecerá “naquele dia” quando forem reintegrados da rejeição de “não meu povo”.

Através do mistério de uma sabedoria oculta não revelada noutras épocas, Israel e os gentios experimentam uma profunda inversão de estatuto e papel na exclusão da aliança do “povo não meu”, até que o orgulho da suficiência humana seja totalmente exposto e finalmente quebrado. A fim de sublinhar a controvérsia da aliança, a nação eleita é entregue a um longo julgamento de desolação e dispersão durante o mesmo período em que Deus está estendendo misericórdia (“uma porta de fé”) aos gentios. Isto significa que, como Israel está cego* e entregue à maldição da aliança, Deus está concedendo arrependimento àqueles que anteriormente “não eram um povo”, chamando dentre os gentios um povo para o Seu nome (Atos 11:18; 15:14).

Uma série de passagens do Antigo Testamento predizem a ocultação da face de Deus até a restauração escatológica (Dt 31:17,18; 32:20; Ez 39:24,29; Is 54:8).

Esta surpreendente reviravolta nos acontecimentos está prevista no cântico profético que Moisés recebeu a ordem de ensinar aos filhos de Israel. A intenção declarada do cântico é fornecer um registro de testemunho profético a ser transmitido às gerações futuras.*

Agora, pois, escrevei para vós este cântico e ensinai-o aos filhos de Israel; ponha-o na boca deles, para que este cântico seja um testemunho meu contra os filhos de Israel. Quando eu os levar à terra que mana leite e mel, que jurei a seus pais, e eles comerem, se fartarem e engordarem, então se converterão a outros deuses e os servirão; e eles me provocarão e violarão a minha aliança. Então será que, quando muitos males e problemas lhes sobrevierem, este cântico testemunhará contra eles como testemunho; porque isso não será esquecido na boca dos seus descendentes, pois conheço hoje a inclinação do seu coração, mesmo antes de eu os ter trazido para a terra que jurei dar-lhes” (Dt 31:18-21). Tanto em protesto quanto em promessa, a canção é uma sinopse profética de todo o curso da história judaica. A canção começa com Moisés convocando o céu e a terra para testemunharem “contra” uma disposição de coração cronicamente rebelde que está predita que persistirá até a tribulação final dos “últimos dias”. Deut.31;27,29 com 29:4; mas quanto à promessa compare 30:1-6; 32:43 com 4:29,30.*

Entre os julgamentos mencionados está o surpreendente propósito de Deus de “virar a mesa” contra a nação da aliança. “Eles me levaram ao ciúme daquilo que não é Deus; provocaram-me à ira com as suas vaidades; e eu os incitarei ao ciúme com aqueles que não são povo; Provocá-los-ei à ira com uma nação

insensata” (Dt 32:21). Assim, vê-se que através de um paradoxo de eleição e exclusão da aliança, Deus escolheu demonstrar a Sua própria prerrogativa soberana na graça, voltando-se para abençoar um “não um povo”.* Ao mesmo tempo, Israel deve beber o cálice amargo do exílio como “não meu povo”.

A aplicação de Jesus da profecia de Moisés: “Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que produza os seus frutos. E quem cair sobre esta pedra será despedaçado; mas sobre aquele que ela cair, será espalhado como pó” (Mateus 21:43-44). “E eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente e assentar-se-ão com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes.” (Mateus 8:11-12).

Através da inversão do status da aliança, Israel é levado a demonstrar a futilidade de se aproximar de Deus em qualquer base que não seja a graça através da fé somente (Romanos 11:6). Mesmo antes de a pedra de tropeço ser historicamente incorporada em Jesus, Israel já havia tropeçado em seu fracasso habitual em buscar a justiça ordenada com base na fé (Romanos 9:31,32). Em vez disso, abordaram o padrão de justiça “como se fosse uma lei de obras” (isto é, como se fosse possível ao homem). Certamente os judeus não eram adversos à fé. Eles teriam incluído a fé como uma parte necessária da obediência à aliança. Mas a fé do remanescente se distingue por um total desespero de alcançar a justiça por meio da lei. Somente através da morte de toda confiança natural essa fé é dada. Portanto, é a cruz em princípio antes de ser a cruz na história. Quando finalmente se vê que o mandamento exige uma justiça que é “impossível para o homem”, o próprio “lugar” de rejeição da aliança e privação de direitos divinos torna-se então o lugar de restauração e ressurreição através da imputação graciosa de uma justiça divina e eterna.

Portanto, podemos dizer que a rejeição momentânea de Israel como “não meu povo” é um julgamento solene destinado a remover a confiança na carne e toda reivindicação “natural” da graça divina. Pretende expor a rejeição divina de toda confiança doentia, seja de decência linear, ou de vantagem moral e religiosa, na verdade, “tudo o que não provém da fé”. Deus não terá uma dívida com o homem como homem, por mais moral ou religioso que seja. Nada mais se interpõe entre a nossa presunção natural e a soberania da graça como a revelação deste mistério; particularmente que a salvação agora estendida aos gentios ocorreu às custas de Israel. E não com base em qualquer superioridade do gentio que acreditou (visto que a própria fé é um dom da graça). Que é apenas “através da sua queda” que uma “porta da fé” é aberta aos gentios.*

Que os gentios seriam abençoados através da exaltação milenar de Israel não era segredo. Mas nunca se imaginou que esta bênção viria através da revelação de um mistério no qual Israel iria ofender e tropeçar, cumprindo assim a promessa de que Israel seria provocado ao ciúme por uma nação tola.

Somente quando o véu da vontade humana e da suficiência moral for rompido pelo “Não” da justiça divina, o “Sim” de Deus em Cristo poderá ser ouvido. É

necessário um tipo de audição que só é possível quando primeiro há a morte de qualquer resíduo de confiança na própria justiça. Tal audição só vem através da “Palavra da divisão”. Para isso, deve haver primeiro uma “divisão da alma e do espírito” (Hebreus 4:12) que só é realizada quando a Palavra é vivificada pelo Espírito. É a Palavra vivificada que mata para regenerar,* que corta para curar.** É o princípio da ressurreição da morte. Portanto, “no lugar” onde a severa sentença da justiça é mais clara, “ali” a palavra e a obra da graça são mais queridas. A revelação desta graça vem com a revelação da morte a todos aqueles que o apóstolo Paulo chama de “confiança na carne”.

**Compare ‘ouvir’ em Hebreus 3:7 com ‘a palavra de divisão’ em Hebreus. 4:12*

***Circuncisão do coração’, um termo frequente no Antigo Testamento para regeneração.*

A palavra da graça e da ressurreição é sempre precedida pela palavra de julgamento e santificada por um reconhecimento sincero de sua terrível justiça, por mais severa que seja (Lv 26:40-42). Somente a justiça da severidade do Senhor prepara o caminho para a glória da graça e da misericórdia. “Eis, pois, a bondade e a severidade de Deus” (Romanos 11:22). Recusar-se a reconhecer a justiça da severidade de Deus é rebaixar o custo, a soberania e a glória de Sua bondade nos vasos de misericórdia. Essa sabedoria é observada na ordem das dispensações: “Porque a lei veio por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (João 1:17).

Visto que a palavra da graça não pode ser mais preciosa do que a palavra de julgamento anterior é clara e terrível, a segunda (a palavra da graça) só é ouvida ‘no lugar’ da primeira (a palavra do julgamento). A menos que ‘o primeiro’ seja profundamente ‘ouvido’ e justificado como totalmente justo e inexorável em sua exigência, ‘o segundo’ não pode vir com uma profundidade e poder que perdure (“porque eles não tinham profundidade na terra... nenhuma raiz em si mesmos,” Mateus 13:5, 6, 21).

Vemos esse padrão demonstrado no episódio do encontro de Jesus com a mulher sirofeneciana (Mt 15,21-28; Mc 7,25-30). Para preparar o caminho da misericórdia, Jesus impõe o reconhecimento de que as disposições da aliança estão restritas a Israel pelo direito de eleição incondicional. A humilde submissão da mulher à soberania que justamente a exclui constitui um estudo da verdadeira pobreza espiritual. Longe de uma atitude de insulto e ofensa à soberania da escolha discriminativa de Deus, ela justifica a justiça da negação divina com a exclamação “verdade, Senhor!”

Observe o método da graça no tato que o Senhor toma com essa mulher desesperada. Através da sabedoria de uma negação inicial, a mulher é levada a uma humildade que agora se torna o lugar do ilimitado Sim de Deus! A desqualificação natural e moral torna-se a base do dom e da graça. Jesus deve receber antes de poder dar, isto é, deve eliminar a esperança natural para que

ela possa receber o dom de Deus com base na graça que só é acessível à fé. Depois de tal prova, a graça é muito mais surpreendente e Deus é muito mais glorificado.*

Aliás, este evento antecipa a revelação do Novo Testamento de que, através de Cristo, a aliança permanece essencialmente com toda a semente da fé.

Aqui, mais uma vez, vemos um exemplo daquele grande axioma da sabedoria redentora: “Ele tira o primeiro para estabelecer o segundo”. As palavras implorantes da mulher “Verdade, Senhor!” encarna o ponto de partida para qualquer apelo ao “trono da graça”.*

Trono, de fato, porque para que a graça seja graça, ela deve ser soberana e irrestrita em todas as suas dispensações.

A exclusão da aliança, assim entendida, torna-se o cenário necessário para a graça, não apenas para os gentios desta dispensação, mas para todos os santos da dispensação mais antiga que perderam a esperança de aperfeiçoar a justiça sob a primeira aliança. Para que a graça seja livre, soberana e incondicional, não é apenas a ilegalidade que é rejeitada, mas até mesmo a presunção do homem religioso que imagina uma justiça que requer algo menos do que a morte e a ressurreição. O objetivo de tudo é esvaziar o coração dessa tendência naturalmente resiliente.

Por mais impressionante que seja a nobreza e a virtude naturais, a “justiça” que emana da primeira criação é rejeitada como inadequada para cumprir a aliança. “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito” (Zacarias 4:6). O homem não só é espiritualmente inerte devido ao pecado original, como também se distancia ainda mais da vida de Deus através da inclinação de uma natureza caída de inimizade para com Deus. O caráter principal desta inimizade é uma tendência irreprimível para a autonomia da vontade própria. É a força desta presunção inata que se interpõe entre a humanidade caída e a mansidão da natureza divina.

O último obstáculo à graça não são tanto as coisas que os homens consideram vis, mas a presunção irreprimível de que a justiça reside, mesmo parcialmente, na capacidade humana. No final do poder está a confissão que não mais justifica a si mesmo, mas a Deus, “se então os seus corações incircuncisos se humilharem e **aceitarem** o castigo (que não foi injusto nem incomensurável) pela sua iniquidade” (Lv 26:40-42).

Nada bloqueia mais eficazmente a porta da graça do que a presunção ilusória do autodeterminismo. Portanto, chegar a um acordo com a justiça da soberania de Deus, seja no julgamento ou na graça distintiva* é necessário se quisermos ser levados ao “lugar” (o pó do desamparo) onde o “Sim” da graça e da ressurreição pode ser “ouvido” em poder transformador. Desta forma, o velho é crucificado por sua própria iniciativa, para que o poder de acreditar e de viver

possa parecer tão afastado da iniciativa humana como um cadáver que promove a sua própria ressurreição. Isto visto que Cristo só é revelado como nossa justiça no fim da força e, portanto, “no fim da lei” (Romanos 10:4). “Quão preciosa aquela graça apareceu, na hora em que acreditei pela primeira vez” (Amazing Grace, John Newton). Na verdade, a graça nunca é tão preciosa até que a própria fé, a única coisa necessária, seja vista como “impossível ao homem” sem o dom da vivificação divina.

Veja Mt. 20:15 com Lc. 4:25-28.

É assim que a verdade da eleição incondicional corta pela raiz a única coisa que bloqueia o alcance da misericórdia reconciliadora, nomeadamente, a confiança na carne. Como a palavra da cruz, destrói toda a esperança de uma justiça própria; cujas melhores virtudes ficam irremediavelmente aquém daquela justiça que é somente de Cristo. Portanto, a mais admirada daquelas virtudes que podem ser geradas pela vontade humana e pela habilidade moral nunca poderá ser a base da aceitação divina (ver Jo.1:13 com Ro.9:16). Porque a eleição pressupõe a destituição total do homem natural como espiritualmente morto, ela finalmente se torna o ‘Sim’ da graça para todos os que justificam o direito soberano de Deus de “vivificar quem Ele quer” (João 5:21), e que “independentemente de obras” (Romanos 4:6). “Assim, pois, não depende de quem quer, nem de quem corre” (Rm 9:16).

Estrategicamente, Ele “concluiu todos (ambos) na incredulidade” para que nenhuma carne pudesse se gloriar, e para que a misericórdia pudesse aparecer somente para o louvor da glória da graça. Se a graça deve ser demonstrada como livre, irrestrita e não influenciada, ela deve ser “de acordo com a eleição”. E “para que o propósito de Deus de acordo com a eleição possa permanecer” (Romanos 9:11), “não depende (necessariamente) daquele que corre ou daquele que quer” (Romanos 9:16).

Tendo o princípio da rejeição da aliança como pano de fundo, voltamo-nos agora para considerar o processo que efetua a reintegração pactual de Israel como nação redimida. Há uma condição pela qual Israel espera que deve ser realizada antes que a glória da Shekinah possa retornar a uma nação ressuscitada e renascida. Especificamente, é “quando Ele vê que o poder deles se foi” (Dt 32:36);* e novamente “quando Ele tiver conseguido dispersar o poder do povo santo, todas estas coisas serão consumadas” (Dn 12:7).** Não é este também um princípio que a igreja deve realizar por si mesma se quiser alcançar a sua própria vitória e plenitude escatológica?***

**Compare Lv.26:19 “o orgulho do seu poder”; também Isaías 57:10, onde a acusação divina é dirigida contra um otimismo humanista que falha em reconhecer a sua miséria; “Você estava cansado de todos os seus caminhos, mas não dizia: ‘Não há esperança’. Você encontrou renovação de suas forças e por isso não desmaiou.*

***Esta prostração do poder de Israel no tempo da angústia de Jacó é necessária*

*para acabar com a transgressão de Israel (Dan. 9:24; 12:1; Jr. 30:7).
***A igreja completa o seu testemunho através das angústias dos últimos dias precipitadas pelas crises de Israel (Is.66:7-8; Dan.11:33-35; 12:3,8-10; Ap.6:9-11; 12:2).*

O Mistério Explicado

O mesmo mistério do evangelho que sela o julgamento do Israel natural ('os filhos do reino') se reúne nos gentios. O evangelho é ao mesmo tempo uma "porta de fé para os gentios" e o julgamento escatológico de Israel que, em razão de um cumprimento oculto, não pôde reconhecer 'o tempo da visitação'. Depois de gerações sendo "talhados pelos profetas que se levantavam cedo" (Os.6:5; Jr.25:4), a queda do julgamento veio na forma do 'segredo messiânico', quando o tão esperado Messias apareceu no inesperado papel como a 'pedra de tropeço' escatológica e a 'rocha de ofensa'.

A morte do Messias veio como resultado do mistério da sua identidade. "Quem os homens dizem que eu sou?" E "Pois se os príncipes deste mundo conhecessem o mistério, não teriam crucificado o Senhor da glória" (1Co 2:8). Por que Sua identidade foi ocultada de Israel? Manifestamente, afetaria o duplo propósito de julgamento e expiação.

O mistério significa que a "sabedoria oculta" da redenção só é acessível pelo Espírito de revelação. O mistério dos dois adventos (a morte e ressurreição do Messias no meio da história e o Seu subsequente retorno no dia do Senhor) foi completamente escondido de Israel. E se isso estava oculto, quanto mais seria o tempo entre os dois adventos que deveria ver toda a extensão da maldição deuteronomica? (Paulo mostra como Moisés predisse este período durante o qual a face de Deus permanece oculta enquanto um "não-povo" é escolhido para provocar ciúme na nação. (Compare Ro. 9-11 com Deuteronomio 31:17,18; 32:20). -21; Is 8:17; Is 54:8; e Ez 39:23, 24, 29).

Por seu caráter misterioso e, portanto, imprevisto, o "segredo" ao mesmo tempo "cumpre as escrituras dos profetas" (Romanos 16:25-26; Colossenses 1:25), sendo "nada mais do que aquelas que os profetas e Moisés disseram que deveriam vir"(Atos 26:22), e traz o golpe do julgamento silenciosamente no avanço inesperado do dia do Senhor. Na verdade, se o que foi predito nos escritos proféticos tivesse sido conhecido, não poderia ter havido expiação para judeus ou gentios. "Porque se o conhecessem (o mistério), não teriam crucificado o Senhor da glória" (1Co 2:7). Mas porque o plano, embora predito, estava oculto no mistério, os construtores rejeitaram a pedra angular de todo o edifício da aliança. O segredo que é uma 'armadilha e laço' para o Israel apóstata (Is 8:17) torna-se uma 'revelação' do evangelho ao remanescente ("sela-o entre os meus discípulos"), e 'uma porta de fé' para os gentios, e tudo

em estrita conformidade com o que está escrito nas escrituras proféticas (Atos 26:22; Romanos 1:5; 6:26 et al.).

Assim, por meio de um mistério profético, a Palavra divisória (velada num mistério de encarnação e paradoxo profético) passa por Israel como uma foice que separa o remanescente (a verdadeira ‘ekklesia’ ou assembleia de Deus) do ‘resto (que) foram cegados’ (Ro 11:7; baseado em Dt 31:17, 18; 32:20; Ez 39:22-29) Paulo mostra que sua própria volta para os gentios está de acordo com o julgamento ameaçado por Moisés Dt 32:21. Este julgamento continua ao longo de um período denominado ‘os tempos dos gentios’ e alcançando “a plenitude dos gentios” (Lc 21:24; Rm 11:25).

Paulo mostrará que o escatológico “Israel de Deus” é agora, como sempre, a “semente preservada”, “a eleição da graça”. Contudo, de acordo com a revelação do mistério, o remanescente da ‘santa semente’ é agora alargado para incluir um remanescente dentre os gentios, “um povo para o seu nome” (Atos 15:14). Estes são enxertados no “Israel de Deus” espiritual e através disso ganham interesse nas promessas pactuadas com Israel. Observe que, contrariamente aos pressupostos dos teólogos “dispensacionalistas”, Paulo equiparou a “esperança de Israel” à esperança do evangelho (Atos 26:6-7).

O atual período interadvento não é chamado em nenhum lugar de “a era da igreja” como tal, mas de “a dispensação da graça de Deus aos gentios”. Esta dispensação é única, ocupando o período de cegueira e dispersão judicial de Israel. É coextensivo com ‘os tempos dos gentios’ (Lc 21:24), mas é distinguido como o tempo em que Deus está “chamando dentre os gentios um povo para o Seu nome”. Este tempo específico de bênção dos gentios alcança uma “plenitude dos gentios” que resulta na “restituição de todas as coisas”, quando o “libertador sairá de Sião para desviar de Jacó a impiedade” (Romanos 11:25-26). Este é o momento da regeneração nacional de Israel, pois “os fugitivos de Israel” nascem “de uma só vez” (Is 66:8), e a iniquidade da terra “é removida num dia” (Zc 3:9).

Embora, em certo sentido, a igreja desta dispensação específica marque um período provisório (um tempo de eleição predominantemente gentílica, destinada a levar os judeus ao ciúme), a igreja, como organismo espiritual, inclui os eleitos de todas as idades (a semente corporativa da mulher e do Espírito). A semente de Cristo e do Espírito são todos redimidos pelo mesmo sacrifício de uma vez por todas e não podem ser limitados a esta dispensação, mas são parte de um “propósito eterno e mais abrangente de reunir todas as coisas em Cristo” (Ef. 1:9) “que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Ef 1:23). A igreja é um organismo composto por toda a semente do Espírito, pois “Deus não é o Deus dos mortos, mas dos vivos” (Mt 22:32). O propósito de Deus de reunir todas as coisas em Cristo é um **propósito que**

abrange todas as dispensações. “A Ele seja a glória na igreja por Cristo Jesus, em todos os tempos, no mundo sem fim. Amém” (Ef 3:21). O propósito eterno em Cristo constitui o fim e a meta de todas as dispensações e convênios provisórios, sejam eles condicionais ou incondicionais, temporais e eternos. Contudo, o fenômeno eterno de Cristo e da igreja abrangendo todas as eras passadas e futuras era um mistério desconhecido até a sua revelação aos apóstolos e profetas do primeiro século.*

Devemos ter cuidado para não concluir que, porque algo foi recentemente revelado, é necessariamente uma existência recente. Como poderia o mistério da igreja ter sido conhecido antes da revelação do mistério de Cristo e do evangelho? Na verdade, isso não poderia ser revelado até “depois que o Filho do Homem tivesse ressuscitado”. Portanto, assim como Cristo e o evangelho existiam antes do tempo da revelação completa, a igreja, como entidade espiritual, tinha existência orgânica real, mesmo antes de poder ser revelada em seu caráter completo como “o corpo de Cristo”. Até então, os filhos do Espírito só podiam ser conhecidos por designações como “a assembleia dos justos”, os circuncidados de coração, a “semente” ou “remanescente” piedoso, etc. ‘o corpo de Cristo’ não poderia ter sido usado até depois da revelação do mistério de Cristo e do evangelho, nenhum dos quais teve origem no primeiro século.

Era comumente entendido pela profecia que todas as nações seriam beneficiadas e abençoadas como resultado da regeneração nacional de Israel “naquele dia” quando uma nação nasceria “de uma só vez”. Não se sabia, porém, que a aliança de regeneração (a ‘nova aliança’ prometida particularmente à nação; Jr 31.31-34; Is 59.21,20; com Rm 11.26-29) seria estendida a eleger os gentios antes do tempo da libertação nacional de Israel (Ez 39:22; Dn 12:1-2). Em vez de as nações serem abençoadas com o transbordamento da glória milenar de Israel, como é bem conhecido pela profecia, ‘a revelação do mistério escondido em outras eras’ significa que os gentios são inesperadamente incluídos no pacto de regeneração (ratificado na morte expiatória do Messias), e isso não foi resultado da restauração de Israel, mas durante um tempo de julgamento e cegueira nacional (Miqueias 5:3; Oséias 5:14–6:2).*

Paulo mostra que o mistério escondido em outras épocas envolve também os meios pelos quais os gentios seriam feitos co-herdeiros. Deveria ser “pelo evangelho” (Ef 3:6). Que o evangelho era o mistério pelo qual os gentios se tornariam participantes dos convênios da promessa é demonstrado claramente por uma comparação de Efésios 6:19 com Romanos 16:25-26. Isto demonstra quão plenamente algo pode ser predito nos escritos proféticos e ainda assim permanecer um mistério até o tempo designado da revelação. Assim, dizer que o mistério que Paulo tem em vista não pode ser algo predito nas escrituras dos profetas ignora completamente a natureza do mistério. O próprio Paulo afirmou que todo o conteúdo de sua pregação não era “nenhuma outra coisa senão aquelas que os profetas e Moisés disseram que deveriam acontecer”. (Atos 26:22). Os escritores dispensacionalistas modernos definiram o mistério como algo “distinto de qualquer coisa antecipada no Antigo Testamento”. O período entre

os dois adventos de Cristo, duvidosamente chamado de “era da igreja”, é entendido como constituindo um “parêntese” misterioso no programa profético de Deus para Israel. A igreja é um novo organismo misterioso que existe na terra apenas entre o Pentecostes e o arrebatamento e deve, portanto, ser removida do cenário mundial antes dos eventos de tribulação da profecia. Isto ocorre porque a profecia do Antigo Testamento diz respeito apenas a Israel e não à igreja conforme concebida sob esta visão do mistério. Um exemplo deste tipo de pensamento é representado pela seguinte citação tirada de ‘A Questão do Arrebatamento’, de JF Walvoord: “Nada deveria ser mais claro para quem lê o Antigo Testamento do que o fato de que a previsão nele fornecida não descreve o período entre os dois adventos.” Esta é uma concepção nova do mistério, construída por pressupostos dispensacionalistas. A defesa da definição peculiar do mistério pelo dispensacionalismo não tem apoio do uso paulino do termo. Isto já foi demonstrado acima, comparando o uso do termo pelo próprio Paulo em conexão com o evangelho. Que o evangelho é ao mesmo tempo um mistério e, ainda assim, completamente predito no Antigo Testamento, é indiscutível.

Durante esta cegueira e julgamento temporários, a face de Deus fica oculta da nação eleita e um remanescente (predominantemente gentio) é abençoado em seu lugar, conforme predito por Moisés (Dt 31-33) e Jesus (Mt 21). Esta é a grande anomalia da história e foi calculada para levar a nação apóstata ao ciúme, à medida que o desprezado remanescente de judeus e gentios na comunidade evangélica incorpora, através do poder do Espírito prometido, a verdadeira intenção da aliança.

Observe também que a eleição de Israel é concebida em termos de uma entidade corporativa composta pelos descendentes naturais de Abraão através de Isaque. A promessa nunca é satisfeita apenas com um remanescente; a aliança da eleição de Israel não é cumprida sem o arrependimento e a regeneração de toda a nação. Enquanto restar um indivíduo judeu que possa dizer ao seu companheiro “conhece o Senhor”, a aliança ainda espera ser estabelecida “com eles” (Romanos 11:27 com Jeremias 31:34).

Por que então, se o muro intermediário de divisão for dissolvido, e a ‘igreja’ for agora composta por uma eleição de todas as nações, isso não realiza e cumpre suficientemente a promessa pactuada como agora revelada no evangelho? Por que, se a promessa nunca foi apenas para os filhos da carne como tais (mas apenas para o remanescente da eleição e da promessa), deve haver uma restauração dos ramos naturais, a fim de cumprir as disposições da promessa e da aliança? E porque é que os Judeus como Judeus, os descendentes físicos de Abraão, devem ser restaurados na terra como uma entidade nacional física? Manifestamente, há atualmente um remanescente de judeus naturais na igreja, mas como Paulo prossegue mostrando, este é apenas o penhor das condições prescritas da aliança que não podem ser cumpridas sem a justiça de “todo o Israel”. A promessa fala de um tempo em que não haverá mais apenas um remanescente que alcance a justiça da aliança, porque toda a nação, nascida

num dia, será regenerada e preservada em santidade para sempre (ver Is 4:3; 54:13; 59:21; 60:21; Jr 31:34; 32:39-40).

É comumente considerado que, uma vez que o papel de Israel na história se completa com o advento de Cristo e o universalismo do evangelho, qual significado adicional pode ser atribuído às distinções étnicas? A superficialidade aqui decorre da superficialidade em um nível mais fundamental. Se o objetivo principal do evangelho é apenas tornar a salvação universalmente disponível, por que seguir um caminho tão tortuoso? Isto não consegue compreender porque é que Israel foi escolhido em primeiro lugar. E por que a preservação da distinção nacional de Israel é uma característica intrínseca da aliança da promessa (Jeremias 31:35-37) e, em última análise, estratégica para o futuro do propósito e da glória divinos?*

Manifestamente, a preservação divina de Israel como uma raça distinta é necessária para demonstrar que o propósito de Deus é de facto “de acordo com a eleição”. A distinção entre judeu e gentio, embora espiritualmente abolida “em Cristo”, é necessariamente mantida na criação, a fim de sublinhar e realçar este princípio reinante: que a graça, para ser graça, deve ser “de acordo com a eleição”, distinguindo assim seu verdadeiro caráter e natureza são perfeitamente livres e soberanos em seu funcionamento. Somente as misericórdias da graça distintiva e eletiva são adequadas para o tipo de glória final que será a herança de Deus e dos eleitos. A existência de Israel provoca o confronto mundial com a soberania da graça através da eleição incondicional, manifestamente à parte da vontade do homem. Isto explica porque durante os últimos mil anos todas as nações são obrigadas a testemunhar novamente a mais pródiga demonstração de graça distintiva da história sobre este povo eleito. A graça é definida pela eleição.

Muitos esperam uma reunião dos judeus no fim dos tempos para cumprir Romanos 11:25-29, mas tratam-na como algo periférico, indefinido e incidental à colheita escatológica das nações. A restauração de Israel é pouco considerada como uma característica necessária da promessa, intrínseca à lógica e à natureza da aliança. Pouca atenção é dada à centralidade de Israel como demonstração histórica e vindicação da prerrogativa divina na eleição, na vocação e na graça. Não apenas isto, mas tratar a restauração dos ramos naturais como nada mais do que uma característica incidental do evangelismo mundial dos últimos dias, é ignorar completamente toda a estratégia e genialidade do esquema redentor. Certamente ignora o tema mais preponderante da profecia do Antigo Testamento (a redenção de Israel do meio da sua hora mais sombria no mencionado em todo o lado “dia do Senhor”).

Esta ‘ignorância’ não apenas obscurece o lugar do período atual (“a dispensação da graça de Deus aos gentios”) no esquema mais amplo das eras, mas também o papel distintivo de Israel e dos gentios na criação e na história, para que seja mantida uma dialética estratégica através da qual o julgamento e a salvação sejam mediados para a glória da livre soberania da graça na eleição. Tal visão,

embora pareça conceder a Israel um reconhecimento simbólico, ignora completamente a sabedoria e a estratégia do propósito divino, e não apenas isso, mas o custo e a solenidade do investimento divino exigido para a teodicéia* de julgamento e glória que está no cerne do chamado original e do papel de Israel na história da redenção.

Teodicéia é o termo formal para o problema de reconciliar a angústia humana e divina com a bondade e a soberania de Deus.

Quanto ao quando e como da declaração de Paulo, “e assim todo o Israel será salvo”, da qual tantos rejeitam a certeza, deixemos declarar enfaticamente o nosso espanto perante a “modesta reserva” destes intérpretes. Nenhum assunto em todas as escrituras proféticas é revelado mais abundantemente ou definido de forma mais específica do que o tempo, as circunstâncias e a forma da redenção final de Israel. Negar a certeza neste ponto revela não uma escassez de evidências bíblicas definidas sobre a natureza e o tempo da redenção escatológica de Israel, mas uma lamentável insensibilidade em relação à linguagem simples e ao contexto do tema mais proeminente da profecia e da promessa. Uma ambivalência tão modesta em relação a este tema problemático nada tem a ver com qualquer ambiguidade inerente à linguagem e à intenção do texto. É antes o produto de um processo injustificado de “reinterpretação” (espiritualização) aplicado apenas às profecias que prometem o futuro arrependimento e glória do Israel étnico.

Vale ressaltar que entre os exegetas evangélicos nenhuma outra categoria de interpretação bíblica é tratada desta forma. É justamente no ponto da profecia que Israel está particularmente preocupado que o significado comum das palavras é despojado do seu contexto e significado originais. As maldições da aliança são mantidas como aplicadas literalmente a Israel, enquanto as promessas de graça e redenção são espiritualizadas e assumidas pela ‘igreja’.

Em vez de harmonizar os testamentos, o sentido claro da linguagem é efetivamente espiritualizado até o esquecimento. A face original da profecia está desfigurada e irreconhecível. O método hermenêutico torna-se um manto para a praga da incredulidade; e tragicamente, Israel está ainda mais distanciado, não pela ofensa divinamente intencional de Cristo, mas pelo escândalo daqueles dentro da igreja que, na ignorância histórica do mistério, e contra a revelação do Novo Testamento, insistem que Israel é para sempre “substituído” pela igreja, falhando em reconhecer que a aliança permanece pendente “com eles” (ou seja, o judeu como judeu) até que a nação e a igreja não sejam mais entidades separadas (cf. Jr 31.34 com Rm 11.25-29), mas coexpressões de uma nova criação.

Uma igreja que ainda é “sábia em seus próprios conceitos” por falta deste mistério central da história e sabedoria redentora perde para todos a consciência do seu papel escatológico e do chamado para provocar Israel à emulação e à fé.

É o único mistério calculado para nivelar toda carne orgulhosa, tanto judaica quanto gentia. Na verdade, está no cerne do abrangente “mistério de Deus”, cuja resolução a história aguarda (compare Ap 10:7 com Ez 39:21-23).